

**Instituto Superior de Psicologia Aplicada**



ANALISANDO UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE COOPERAÇÃO E EFICÁCIA  
COLECTIVA

Daniel Filipe Loureiro Gualdino

**Aluno nº 12407**

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade de Psicologia Social e das Organizações

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

ANALISANDO UMA POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE COOPERAÇÃO E EFICÁCIA  
COLECTIVA

**Daniel Filipe Loureiro Gualdino**

Dissertação orientada pelo Mestre Pedro Almeida

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade de Psicologia Social e das Organizações

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Mestre Pedro Almeida, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006

## **Agradecimentos**

Por todo o apoio prestado, por inúmeros incentivos, pelos conselhos sábios, pela compreensão, e por toda a força sempre prestada, queria primeiramente agradecer aos meus pais, já que sem eles nada disto teria sido possível.

Quero em segundo lugar agradecer ao meu irmão por ter sempre olhado por mim, ainda que ele pense que às vezes eu não sei que ele o faz, e por me ter sempre apoiado quando eu precisei, e por essencialmente ser um grande amigo!

À minha namorada, que percorreu comigo estes trilhos que o ISPA tece, por me ter guiado e ajudado em todas as fases, fáceis ou difíceis, alegres ou mais tristes ao longo de todos estes anos, por ter estado sempre presente, e essencialmente por ser a pessoa preponderante que é para mim!

A todos os elementos da família Roques, ao Bigodes, ao Rato, e à Mana, pela confiança manifestada, pelos conselhos, pelos risos partilhados, pelos incentivos e pela amizade que todos manifestaram ao longo destes anos. Ah....e à Zebra que tanto nos ajudou na recolha dos dados!

Queria também desde já agradecer a todos aqueles que me ajudaram durante a altura da recolha de dados, arranjando equipas, como é o caso da Mónica, do Steven, do Vinhas, do Tinoni, e do Sr. Tomé.

Quero também agradecer a todos os clubes que participaram no estudo, em especial ao Ginásio Clube do Sul, ao Vitória de Setúbal e ao Belenenses.

Ao Xico por essencialmente ser o grande amigo que tem sido ao longo destes anos, por todos os bons momentos, todas as gargalhadas, e por todo o apoio e influência.

Ao Ivo por ter demonstrado tanto interesse neste trabalho e por me ter incentivado ainda mais a realizá-lo.

Ao Luís que apesar de estar super atarefado com a tese dele, ter tido sempre tempo para me ouvir e para dar sugestões, e pela amizade.

Ao Botas, ao Asas e à Ana por sempre se terem mostrado interessados no estudo e pelas sugestões prestadas, e essencialmente pela amizade demonstrada.

A toda a minha família que, apesar de não terem tido parte activa neste trabalho, tiveram um papel preponderante para mim ao longo destes meus 23 anos.

Ao professor Pedro Almeida por me ter incluído neste desafio e por me ter apoiado e motivado de todas as vezes que eu precisei, e por se ter sempre mostrado presente e acessível quando necessário.

Ao João Lameiras pelo apoio indispensável durante o tratamento estatístico, e pela disponibilidade mostrada sempre que necessário.

Por último ao meu avô por ter sido das pessoas com um papel mais fundamental e importante na minha formação, por todos os valores transmitidos, por toda a motivação extra encontrada nele, e essencialmente pelo carinho e pelo amor. Sei que neste momento não caberias em ti de orgulho...

## **Resumo**

Este trabalho foi realizado com o objectivo de analisar a existência de uma relação entre a variável Cooperação e a variável Eficácia Colectiva, no contexto desportivo.

Para tal recorreu-se a uma amostra de 260 atletas de ambos os sexos, os quais se dividiam entre as seguintes modalidades: Futebol; Futsal; Andebol; Hóquei; Basquete; e Râguebi.

A estes atletas foi pedido que preenchessem o “Questionário de Eficácia Colectiva para o Desporto” desenvolvido por Short, Sullivan e Feltz, para avaliar a eficácia colectiva, e o “Questionário de Cooperação Desportiva” desenvolvido por García-Mas, para avaliar a cooperação.

Os resultados obtidos neste trabalho remetem para a existência de uma relação entre as duas variáveis. Contudo, face ao carácter inovador deste estudo não se pode generalizar para já estes resultados, pelo menos enquanto não houverem mais estudos realizados que combinem as duas variáveis.

## **Abstract**

The purpose of this study was to examine the existence of a correlation between Cooperation and Collective Efficacy in sports.

In this study there were 260 athletes, both male and female, who played different types of sports, such as Soccer, Indoor Soccer, Handball, Hockey, Basketball, and Rugby.

We asked the participants to complete Short, Sullivan and Feltz’s “Collective Efficacy Questionnaire for Sports” so we could examine collective efficacy, and García-Mas’ “Cooperation Questionnaire for Sports” in order to study cooperation.

The results presented in this study show the existence of a relationship between both variables. However, due to the innovation presented here, one can not generalize these results for now, and will have to wait for further studies in order to confirm the results presented in this thesis.

**Palavras-chave:** Cooperação, Eficácia Colectiva, Psicologia do Desporto, Relação entre Variáveis

**Keywords:** Cooperation, Collective Efficacy, Sports Psychology, Relationship between variables

**ÍNDICE**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>COOPERAÇÃO</b>	<b>5</b>
Características de um grupo cooperativo	6
Perpetuação de conflitos em grupos competitivos	7
Cooperação no contexto desportivo	8
<b>AUTO-EFICÁCIA</b>	<b>15</b>
Fontes de Auto-Eficácia	16
<b>EFICÁCIA COLECTIVA</b>	<b>19</b>
Mensuração de Eficácia Colectiva	19
Quatro aspectos importantes na definição de Bandura	21
Fontes de Eficácia Colectiva	22
Interdependência de Tarefas	26
Duas dimensões intrínsecas à Eficácia Colectiva	28
Primeiros estudos realizados com eficácia colectiva em contexto desportivo	29
Últimas tendências de estudo da variável	30
<b>MÉTODO</b>	<b>34</b>
Participantes	34
Instrumentos	37
Eficácia Colectiva – <i>Collective Efficacy Questionnaire for Sports</i>	37
Cooperação – <i>Questionário de Cooperação Desportiva</i>	39
Design	40
Procedimento	41
<b>RESULTADOS</b>	<b>42</b>
Análise à normalidade	42
Estatística Descritiva	43
Estudo da relação entre Cooperação e Eficácia Colectiva	51
<b>DISCUSSÃO DE RESULTADOS</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>60</b>

### Lista de Tabelas

Tabela 1 – Evolução do estudo da variável eficácia colectiva	30
Tabela 2 – Distribuição dos participantes em termos de género	34
Tabela 3 – Habilitações literárias dos participantes	34
Tabela 4 – Modalidades praticadas pelos participantes	35
Tabela 5 – Escalão dos participantes	36
Tabela 6 – Nível dos participantes	36
Tabela 7 – Estatísticas descritivas dos participantes	36
Tabela 8 – Sub-escalas do CEQS	38
Tabela 9 – Itens e Alphas de Cronbach para cada sub-escala do CEQS	39
Tabela 10 – Itens e Alphas de Cronbach para cada sub-escala do QCD	40
Tabela 11 – Análise descritiva da amostra	43
Tabela 12 – Kruskal-Wallis dos factores de cooperação quanto às habilitações	44
Tabela 13 – Diferenças ao nível da cooperação consoante as habilitações	44
Tabela 14 – Mann-Whitney dos factores de cooperação quanto ao género	44
Tabela 15 – Diferenças ao nível da cooperação consoante o género	44
Tabela 16 – Kruskal-Wallis dos factores de cooperação quanto ao nível	45
Tabela 17 – Diferenças ao nível da cooperação consoante o nível	45
Tabela 18 – Mann-Whitney dos factores de cooperação quanto o escalão	45
Tabela 19 – Diferenças ao nível da cooperação consoante o escalão	46
Tabela 20 – Mann-Whitney para grupos de alta e baixa capacidade	47
Tabela 21 – Grupos de alta e baixa capacidade	47
Tabela 22 – Mann-Whitney para grupos de alto e baixo esforço	48
Tabela 23 – Grupos de alto e baixo esforço	48
Tabela 24 – Mann-Whitney para grupos de alta e baixa persistência	48
Tabela 25 – Grupos de alta e baixa persistência	49
Tabela 26 – Mann-Whitney para grupos de alta e baixa preparação	49
Tabela 27 – Grupos de alta e baixa preparação	49
Tabela 28 – Mann-Whitney para grupos de alta e baixa união	50
Tabela 29 – Grupos de alta e baixa união	50
Tabela 30 – Correlação entre cooperação e eficácia colectiva	51
Tabela 31 – Correlação entre cooperação e dados demográficos	52

### Lista de Figuras

Figura 1 – Modelo conceptual de cooperação, relativamente à conducta desportiva	11
Figura 2 – Modelo conceptual de cooperação desportiva do QCD	13

### Lista de Anexos

<b>Anexos</b>	64
Anexo A	65
Instruções e dados biográficos	66
Anexo B	68
Questionário de Cooperação Desportiva	69
Anexo C	71
Questionário de Eficácia Colectiva	72
Anexo D	74
Outputs estatísticos – dados biográficos e demográficos	75
Anexo E	77
Estatística Descritiva	78
Anexo F	81
Fidelidade para os factores do CEQS	82
Anexo G	85
Fidelidade para os factores do QCD	86
Anexo H	90
Análise à normalidade	91
Anexo I	92
Estudo da relação entre Cooperação e Eficácia Colectiva	93
Anexo J	95
Correlações entre cooperação e variáveis demográficas	96
Anexo L	98
Análise dos grupos de alto e baixo valor para todos os factores e valores das respectivas medianas	99

## INTRODUÇÃO

O conceito de eficácia colectiva é proposto pela primeira vez por Bandura (1986, cit. por Feltz & Lirgg, 1998) como sendo uma extensão do conceito de auto-eficácia, conceito este que também tinha sido originalmente proposto pelo próprio Bandura, mas cerca de 10 anos antes.

Enquanto que a auto-eficácia se resume exclusivamente ao nível individual, a eficácia colectiva tem a sua área de influência, aplicação e actuação em equipas, sendo portanto, e tal como mencionado pelo autor supracitado, um fenómeno inteiramente grupal.

A auto-eficácia é, muito sucintamente, uma crença que uma pessoa possui acerca das suas potencialidades individuais, ou seja, sobre a sua capacidade de obter determinado nível de desempenho desejado.

Já pelo contrário, a eficácia colectiva traduz-se por uma crença partilhada pela equipa acerca das suas capacidades enquanto grupo. Por outras palavras, enquanto que na auto-eficácia a premissa elaborada pelo sujeito é *“eu acredito piamente que tenho capacidade para, por minha conta exclusivamente, alcançar determinado objectivo”*, na eficácia colectiva esta premissa passa para o nível grupal, ganhando, assim, uma dimensão mais lata, transformando-se então em *“eu acredito que a minha equipa, através das interações que se estabelecem entre todos os jogadores, e pela combinação das nossas capacidades, é capaz de atingir determinado objectivo”*.

É importante desde já fazer uma distinção entre confiança e eficácia colectiva, já que por vezes, a um olho leigo, os dois conceitos podem parecer sinónimos, ainda que erroneamente.

A confiança diz respeito ao grau de confiança e à força de uma ideia. Por exemplo, uma equipa pode revelar um grau elevado de confiança no seu desempenho no próximo jogo. No entanto nesse jogo as coisas não correm bem de início, e essa confiança inicial vai-se diluindo e gradualmente desaparecendo.

A eficácia colectiva, por outro lado, engloba essa mesma confiança mas adiciona-lhe a crença que os atletas têm nas capacidades da equipa. Pegando no exemplo anterior, a mesma equipa face ao mesmo problema, mas com um alto nível de eficácia colectiva, continua árdua e perseverantemente a lutar para que a situação se inverta, para que assim

consiga atingir o resultado ambicionado. Ou seja, enquanto que a confiança reflecte uma crença que se relaciona mais com um plano físico, isto é “nós jogamos bem, portanto no próximo jogo vamos jogar bem”, a eficácia colectiva soma a esse plano físico um nível psicológico, ou seja apesar das coisas não estarem a correr bem à equipa, esta sabe que possui recursos técnicos e psicológicos, os quais lhe vão permitir dar a volta à situação. Esses recursos psicológicos vão, por exemplo, fazer diminuir o nível de ansiedade e de tensão dos jogadores, ou seja, acabam por aumentar a sua capacidade de resistência à frustração.

Contudo, o papel da confiança não pode ser descurado quando inserido no contexto desportivo. Segundo Taylor (2001, cit. por Manzo 2005) a confiança encoraja os atletas para experimentarem situações difíceis, e para verem adversários complicados como sendo objectivos a alcançar e ultrapassar.

Manzo (2005) afirma que a confiança é extremamente importante já que ela consciencializa os atletas de que eles têm o que é preciso para desempenhar a um determinado nível. Segundo o autor, os atletas “podem ter todas as capacidades técnicas para terem um bom desempenho e alcançar o seu objectivo, mas se eles não acreditam que possuem essas mesmas características, então eles não conseguirão utilizar completamente as suas características”.

Bandura (1997, cit. por Manzo 2005) afirma que, contudo, nem sempre a consecução dos objectivos pretendidos serve como impulsionador da confiança dos atletas. Segundo o autor, quando os atletas percebem que alcançaram a vitória num jogo devido a factores externos, como por exemplo terem tido sorte, ou o adversário ser significativamente mais fraco que eles, a confiança dificilmente aumentará. Por outro lado, e ainda segundo Bandura, o inverso pode acontecer quando a equipa perde, mas apenas se os atletas perceberem que os factores por detrás da derrota são meramente externos à equipa, e que não se devem a um mau desempenho colectivo da equipa.

Outro conceito que, segundo Sullivan e Feltz (2005) tem por vezes tendência a ser aplicado erroneamente no meio desportivo, é o conceito de “química”. Segundo os autores, apesar de química ser uma noção bastante vaga e imprecisa, é recorrente assistirmos à sua utilização por parte de jornalistas, treinadores e jogadores. Aliás, em 2004 Cláudio Ranieri, na altura treinador da equipa sénior de futebol do Valência CF, numa entrevista dada ao site da UEFA refere que “com tão pouco tempo para trabalharmos juntos, é difícil criar a química correcta entre treinador e jogadores”.

Para os pouco entendidos no assunto, a noção desta química surge-lhes quase como o resultado total das possíveis combinações entre as competências, características e atributos de uma equipa. Como os autores anteriormente citados afirmam, a noção de química parece ser responsável por incluir “*tudo desde respeito entre os colegas da mesma equipa, compatibilidade entre os treinadores e os jogadores, e ausência de conflitos no seio da equipa*” (Sullivan & Feltz, 2005).

Claro que a química não nos pode surgir a nós como a única razão pela qual as equipas têm ou não sucesso. Até porque se fizermos uma análise à literatura existente ao nível da psicologia do desporto, verificamos que existe um diverso leque de variáveis que desempenham o seu papel no núcleo da equipa, como por exemplo a motivação, a satisfação e o tipo de liderança, e que são muito mais responsáveis pelos resultados que a equipa obtém, e que são passíveis de serem mensuradas eficazmente.

Outro constructo a ser abordado nesta tese será o da cooperação. Este conceito é inicialmente proposto por Deutsch, e apesar de ser muitas vezes equiparado à coesão grupal, estes conceitos são distintos, ainda que possam ter pontos em comum.

O constructo da cooperação surge em 1949, mas só muito recentemente foi aplicado ao contexto desportivo, já que inicialmente, e visto que a cooperação surgiu no âmbito da psicologia social, a teoria foi transposta para o domínio da teoria de jogos, mais concretamente a modelos como o “dilema do prisioneiro” (Garcia-Más et al., 2006).

Segundo Garcia-Más e Bauzá (1994) existem quatro tipos diferentes de atletas. Esta diferença entre os jogadores causais, racionais, seguidores e de equipa reside na predisposição para cooperar, e não em diferentes tipos de personalidade, como será aprofundado mais à frente neste trabalho. Segundo os autores supracitados (1994), seria, teoricamente, possível para o treinador conhecer os diferentes tipos de jogadores existentes na sua equipa, e trabalhá-los para assim fazer com que a sua equipa consiga alcançar as metas predefinidas.

Torna-se nesta altura fundamental analisar profundamente ambos os conceitos em estudo nesta tese, para termos um melhor conhecimento sobre ambos. Só assim os poderemos enquadrar teoricamente e perceber melhor a eficácia colectiva, e a cooperação, enquanto teorias aplicadas ao contexto desportivo.

Começar-se-á pela explicação do constructo de cooperação, passando-se depois à análise da teoria em redor da eficácia colectiva. Contudo, e visto que a eficácia colectiva tem as suas raízes na auto-eficácia, antes de se analisar pormenorizadamente a eficácia colectiva, analisar-se-á a auto-eficácia, para que a apreensão da variável eficácia colectiva, se torne, assim, mais clara.

## COOPERAÇÃO

A cooperação é uma variável com uma história muito recente, tanto a nível da psicologia do desporto, como de investigação.

A teoria surge em 1949, no domínio da psicologia social, e tem como criador Morton Deutsch. Após o seu aparecimento a teoria é rapidamente transposta para a Teoria dos Jogos, e é adaptada a determinados modelos, sendo o mais conhecido o “dilema do prisioneiro” (Garcia-Más et al, 2006).

Para Deutsch (2000) a teoria tem duas premissas básicas, as quais estão na origem da cooperação, e que são a interdependência de objectivos, e os tipos de acção.

Relativamente à interdependência de objectivos esta pode tomar duas facções, podendo ser positiva ou negativa. Considera-se positiva quando a probabilidade do sujeito alcançar o objectivo pretendido, é igual à probabilidade de outro sujeito alcançar também ele o seu próprio objectivo. E considera-se negativa quando acontece o inverso, isto é, quando as probabilidades não são iguais entre os indivíduos. Basicamente o que acontece é que, enquanto que na primeira situação estamos perante uma situação onde ambos saem a ganhar ou a perder, na segunda o mesmo já não se verifica, uma vez que quando um ganha o outro tem necessariamente de perder.

No respeitante aos tipos de acção que o sujeito escolhe, estes também se dividem em dois. Segundo Deutsch (2001) o sujeito pode estar perante determinados tipos de acção que aumentam as suas chances de sucesso, definidas pelo autor por “acções eficazes” (Effective Actions), ou pode estar face a tipos de acção que prejudicam as suas chances de sucesso, as quais são denominadas de “acções ineficazes” (Bungling Actions).

Depois, e de acordo com o autor acima referenciado, é preciso estabelecer uma relação entre as diferentes interdependências de objectivos, os diferentes tipos de acção, e três noções que estão por detrás da criação dos fenómenos de cooperação, ou de competição entre os atletas de uma equipa. Estas três noções, *Substitutability*, *Atitudes* e *Inducibility*, são definidas por Deutsch (2000) como sendo “processos fundamentais para a compreensão dos processos psicológicos e sociais envolvidos nos principais efeitos de cooperação e de competição”.

Segundo Deutsch (2001) estas três noções podem ser descritas da seguinte forma:

- *Substitutability* diz respeito a como as acções de um atleta podem satisfazer as intenções de outro, ou seja, permite a aceitação das actividades dos outros, para a consecução dos objectivos e necessidades próprias.
- As atitudes são uma predisposição para responder activamente, em favor ou desfavor de determinados aspectos do meio, ou do próprio sujeito. Quando uma conexão é estabelecida entre a cooperação e as atitudes, estas tomam a forma de crenças positivas, como por exemplo “nós beneficiamos uns com os outros”. Mas pelo contrário, quando se ligam à competição, as crenças resultantes desta relação são do género “estamos um contra o outro”, ou seja tomam uma dimensão negativa.
- Por último, *Inducibility* prende-se com a predisposição de um indivíduo para aceitar a influência de outro, e para se comportar de acordo com o que ele diz.

Através da combinação de tudo isto podemos perceber se o atleta está mais inclinado para uma atitude cooperativa ou competitiva. Contudo, num grupo, o sujeito interage necessariamente com mais elementos, e todos eles, teoricamente, têm a ganhar se cooperarem, uma vez que os objectivos a alcançar são os mesmos para todos os elementos.

### **Características de um grupo cooperativo**

Segundo Deutsch (2001) um grupo com tipos de acção mais eficazes, vai ser mais cooperativo do que competitivo, e vai manifestar, à partida, as seguintes características:

- A nível de comunicação, esta é feita com muito mais facilidade, menos bloqueios, existe uma predisposição dos elementos do grupo para verbalizarem as suas ideias, uma vez que há um sentimento de respeito e aceitação pelas ideias dos outros;
- O grupo vai manifestar, entre outras coisas, um forte sentimento de amizade e companheirismo entre os seus membros, uma orientação para objectivos específicos, maiores índices de produtividade, e divisão de tarefas;
- É inerente ao grupo um sentimento de concordância com as ideias dos outros, e de partilha de valores e de crenças, assim como confiança nas suas próprias ideias, e do valor que os outros membros podem acrescentar a essas ideias;
- E por fim, os atletas vão perceber os conflitos de interesses como um problema comum, e sabem que só através de um esforço colectivo é que

estes podem ser solucionados eficazmente. Isto resulta, invariavelmente, num reconhecimento da legitimidade dos interesses dos outros, e também numa necessidade de procurar uma solução que seja do agrado de todos os elementos do grupo.

De realçar que Deutsch no seu artigo de 2000 mencionava mais uma característica presente em grupos cooperativos, que acabou por não mencionar no seu artigo seguinte, publicado em 2001. Esta característica dizia respeito à força de vontade para potenciar o poder dos outros, para que estes consigam alcançar os seus objectivos. O autor quando se refere ao poder dos outros, refere-se mais concretamente ao seu conhecimento, skills e recursos que estes possuem.

Segundo Deutsch (2000), quando estamos perante um grupo que em vez de cooperar compete, as características que este vai evidenciar são exactamente opostas às enumeradas acima para os grupos cooperantes.

### **Perpetuação de conflitos em grupos competitivos**

De acordo com Deutsch (2000) existem três processos que fazem perpetuar um conflito em grupos competitivos.

O primeiro é definido por “hostilidade autista”, e caracteriza-se por uma ruptura absoluta ao nível da comunicação com o outro. Por vezes o que está na base deste fenómeno são mal-entendidos, mas o sujeito não se apercebe disso, uma vez que rompe com toda a comunicação com a outra pessoa.

O segundo processo, denominado por “profecias auto-realizáveis”, diz respeito ao exercício de comportamento hostil por parte do indivíduo, já que este, erroneamente, acredita que o outro planeia, ou vai mesmo fazer algo com o intuito de o prejudicar. Isto acaba mesmo por acontecer, já que devido à manifestação de comportamentos hostis, por parte do indivíduo, o outro vê-se obrigado a responder, também ele, de forma hostil, acabando, eventualmente, por um deles prejudicar realmente o outro.

O terceiro, e último, processo tem o nome de “compromisso involuntário”. Este ocorre durante o período em que o conflito se intensifica, e caracteriza-se pela prática involuntária de certas atitudes, e crenças negativas, e pela defesa imediata a determinados ataques esperados do outro. Ou seja, isto vai resultar na criação de uma imagem de que o outro é o

seu inimigo mais perigoso, o que origina a formulação de uma ideia de que o sujeito tem de estar sempre em alerta a possíveis ataques do outro.

É, contudo, importante ressaltar que apesar da competição ser vista invariavelmente como sendo sempre negativa, isto nem sempre é verdade. Deutsch (2000) dá o exemplo de dois jogadores de ténis, em que no final da partida o perdedor pede conselhos ao vencedor em como melhorar o seu desempenho, para caracterizar o que ele denomina de competição construtiva. Ou seja, numa situação de competição construtiva acaba por haver dois vencedores, apesar de ser em campos totalmente distintos. Pegando no exemplo mencionado, temos o vencedor real da partida, e o perdedor, que apesar de ter perdido o jogo, ganha a possibilidade de melhorar o seu desempenho ao pedir conselhos ao adversário que acabou de o derrotar, saindo, desta maneira, também ele com uma vitória da partida, ainda que seja uma vitória mais pessoal, e não uma vitória real na partida. Assim, ele acaba por sair também como vencedor, porque os conselhos que o outro lhe oferece acabam por acrescentar, teoricamente, algo de positivo ao seu desempenho, tornando-o, assim, um atleta melhor.

Deutsch (2000) refere ainda que a competição, desde que ocorra num contexto de cooperação, pode ser benéfica, já que possibilita ao indivíduo a aquisição de novas competências e recursos para lidar com situações que lhe possam aparecer no futuro. Segundo o autor acima citado (2000) a “competição é um mecanismo social útil para seleccionar aqueles que têm maior capacidade para terem um bom desempenho nas actividades que estão envolvidas na competição”.

### **Cooperação no contexto desportivo**

A cooperação a nível desportivo ainda tem um longo caminho a percorrer. De facto, à excepção de um estudo levado a cabo por Terry Orlick (1978), e um por Johnson, Bjorkland e Knotee (1984), poucas foram as investigações no contexto desportivo a considerar esta variável (Garcia-Más, no prelo).

No entanto, e curiosamente sem estabelecer qualquer tipo de relação com o construto de cooperação, Cratty e Hanin (1980, cit. por Garcia-Más, 2001), notaram num estudo realizado, a existência de diferentes tipos de atletas dentro da mesma equipa, tendo em conta a sua predisposição para interagirem e cooperarem entre si. Estes investigadores fazem uma distinção entre três tipos diferentes de jogadores. Os altamente individualistas, que apenas se preocupam consigo próprios e o seu sucesso pessoal, os preocupados com

a equipa, que consideram que o seu êxito pessoal depende do êxito da equipa, e por último, os que estão completamente imersos na equipa, e para os quais o sucesso ou fracasso da equipa, são o seu próprio sucesso ou fracasso.

Contudo, este estudo, segundo Garcia-Más (2001), baseia-se mais concretamente em tipos de personalidade, ou seja, estas distinções elaboradas tendo em conta diferentes tipos de atletas, apenas se devem aos diferentes tipos de personalidade manifestadas pelos sujeitos, não sendo, assim, uma aplicação da teoria de cooperação ao contexto desportivo.

Já Garcia-Más e Bauzá (1995) definiram, também eles, três tipos de jogadores, mas, ao contrário de Cratty e Hanin, tiveram em consideração o construto de cooperação ao realizarem estas distinções.

O primeiro tipo de jogador é denominado por “jogador racional”, e é um jogador não cooperativo. Este tipo de jogadores, segundo Garcia-Más (2001) “não se interessam nem pelas circunstâncias, nem pelas consequências da sua possível cooperação, e portanto são imunes ao ambiente do balneário, ou ao criado pelos jornalistas”. Segundo o autor, só pontualmente, é até por vezes de forma casual, é que estes jogadores cooperam com os restantes elementos da equipa.

Por sua vez o “jogador causal” é exactamente o oposto do primeiro, uma vez que este se importa tanto com as consequências, como com as circunstâncias da sua cooperação. De acordo com o autor supracitado, estes atletas “são motivados pelas consequências reais resultantes da sua conduta cooperativa, e não pelas consequências esperadas em circunstâncias hipotéticas”. Estes jogadores cooperam em função do que os restantes cooperam, ou seja, determinam a quantidade de esforço que dispendem, e o seu nível de cooperação com os restantes atletas, face ao nível de cooperação manifestado pelos outros atletas. Por isto mesmo, estes jogadores têm mais tendência a manifestar características de preguiça social (*social loafing*).

Existe dentro do “jogador causal” um subgrupo denominado de “jogador seguidor”. Por oposição ao “jogador causal” estes jogadores apenas se preocupam com as circunstâncias em que cooperam, e não dando tanta importância às consequências de cooperar. Segundo Garcia-Más (2001) estes jogadores observam o que os outros fazem, e optam por seguir a maioria, já que para eles, cada jogador deve fazer a sua parte somente quando os outros estão a fazer a deles.

O terceiro, e último tipo de jogador, distingue-se dos anteriores, porque a razão pela qual ele coopera reside em princípios de justiça. Este jogador, classificado de “jogador de equipa”, pretende através da sua cooperação ajudar a equipa a atingir o objectivo fixado *a priori*. Esta atitude desenvolve-se em função das expectativas e objectivos internos do próprio jogador.

Constata-se então que um atleta pode manifestar comportamentos referenets aos três tipos de jogadores acima descritos durante o decorrer do jogo. Este facto acaba por influenciar e determinar a conduta desportiva manifestada pelo atleta, a qual vai variar entre cooperar ou competir com os restantes membros da equipa, e com o seu treinador.

Rabbie (1995, cit. por Garcia-Más, 2001) baseando-se nesta ideia descreve as variáveis que para ele são basilares no conceito de cooperação desportiva. Estas variáveis são a tomada de decisão, os objectivos de cada jogador, do treinador e da equipa, os objectivos comuns e opostos, as interações e interdependências, e as informações acerca dos resultados de cooperação e/ou competição.

Como se pode verificar, por ter na sua génese estas variáveis, a cooperação distancia-se da coesão, já que nenhuma das variáveis enumeradas entra no leque de variáveis fundamentais para o construto da coesão. Daí poder afirmar-se que apesar de terem pontos em comum, os dois constructos avaliam coisas diferentes.

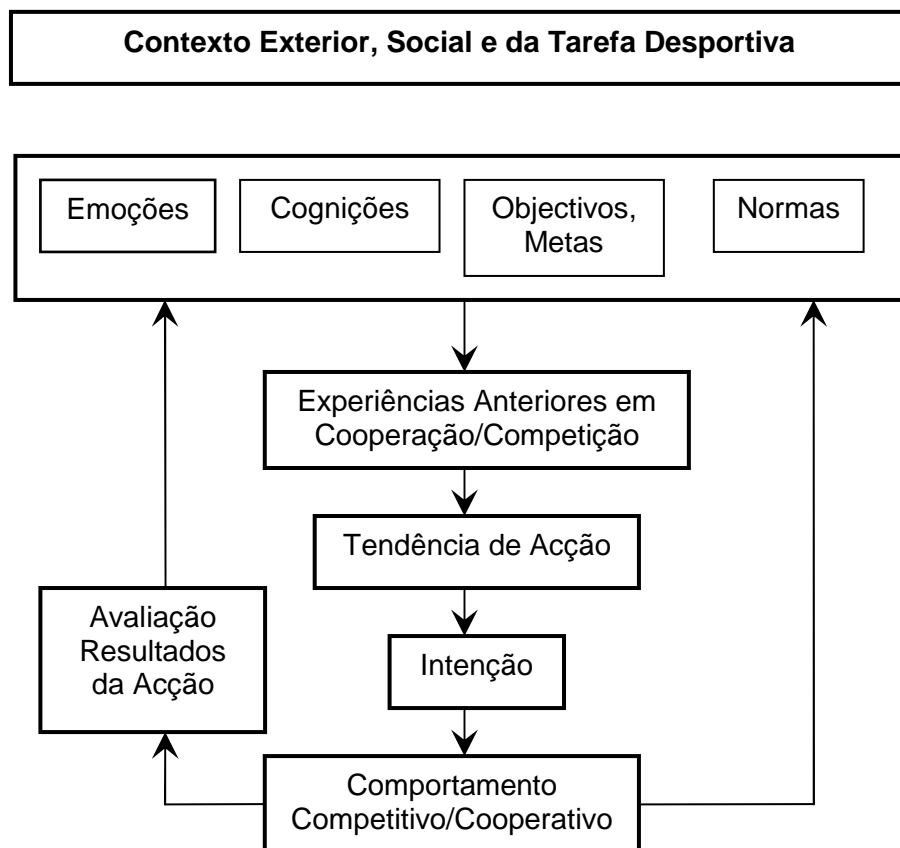


Figura 1 – Modelo conceptual de cooperação, relativamente à conduta desportiva de J.M. Rabbie 1995

Rabbie (1995, cit. por Garcia-Más, 2001) propõe um modelo conceptual de cooperação, o qual tem no seu âmago as interacções que se estabelecem entre os atletas, ao contrário de outros modelos que se centram mais em traços de personalidade (Figura 1).

Segundo Rabbie, um atleta pode modificar a sua predisposição inicial de cooperar, ou de competir, tendo em conta cinco factores, os quais são descritos mais abaixo.

É um dado adquirido que quanto mais íntimo e estável for a predisposição de cooperar do atleta, mais dificilmente conseguiremos trabalhar para melhorar os níveis de cooperação da equipa. Assim percebemos que a intenção de cooperar com os restantes, se fica a dever a factores pessoais do próprio jogador, a factores resultantes da interacção com os restantes elementos da equipa, e factores resultantes da situação. Enquanto que relativamente aos factores pessoais quase nada podemos fazer para os melhorar, os interactivos e os resultantes da situação, pelo contrário, são passíveis de serem analisados.

Com base nisto, o autor enuncia cinco factores que podem ter um impacto directo na melhoria da cooperação interna da equipa:

1. Comunicação – uma vez que a maioria dos jogadores pensam que os restantes atletas têm um estilo de cooperação igual ao seu, é interessante que essa ideia pode ser contrastada, para que, assim, o risco percebido de cooperar seja mínimo;
2. Informação sobre as opções escolhidas pelos restantes elementos da equipa – o conhecimento dos resultados anteriores de cooperação são fundamentais para os atletas, já que têm um papel preponderante em futuras predisposições para cooperar;
3. Confiança nos restantes membros da equipa – isto acontece quando os atletas se apercebem que uma conduta de não cooperação não vai ser penalizada, ou quando estes sabem os resultados de experiências passadas a nível de cooperação;
4. Responsabilidade e valores sociais – os jogadores poderão cooperar para não desrespeitarem determinados valores sociais, ou ainda para corresponderem a algum padrão de responsabilidade, dada a importância do sucesso em que ele terá que cooperar ou competir;
5. identidade intragrupal – este sentimento pode ser o factor dinamizador e catalizador dos factores até agora descritos.

Com o propósito de estudar detalhadamente a cooperação no contexto desportivo e de forma a dar uma sustentabilidade concreta à sua teoria, García-Mas et. al (2006), levaram a cabo a criação de QCD – Questionário de Cooperação Desportiva.

No decorrer da fase de análise dos resultados obtidos, os investigadores supra citados concluíram que existiam dois factores disposicionais fundamentais, os quais evidenciam a predisposição dos atletas para cooperarem. Segundo os autores os atletas podem cooperar de forma incondicional, ou de acordo com os objectivos que pretendem atingir, isto é, de forma mais condicional. A cooperação condicionada é descrita por Garcia-Mas (2006) como “cooperação se se reconhece, ou se os outros cooperam”, ao passo que a cooperação incondicionada é descrita como “cooperação porque sim”.

Garcia-Mas et. al (no prelo), referem, ainda, a existência de três factores situacionais secundários, os quais podem determinar e influenciar o nível de cooperação que o atleta estabelece com os seus companheiros de equipa, com o seu treinador, e ainda fora de campo.

A figura abaixo, adaptada de García-Mas et. al (2006), elucida o que até agora foi descrito.

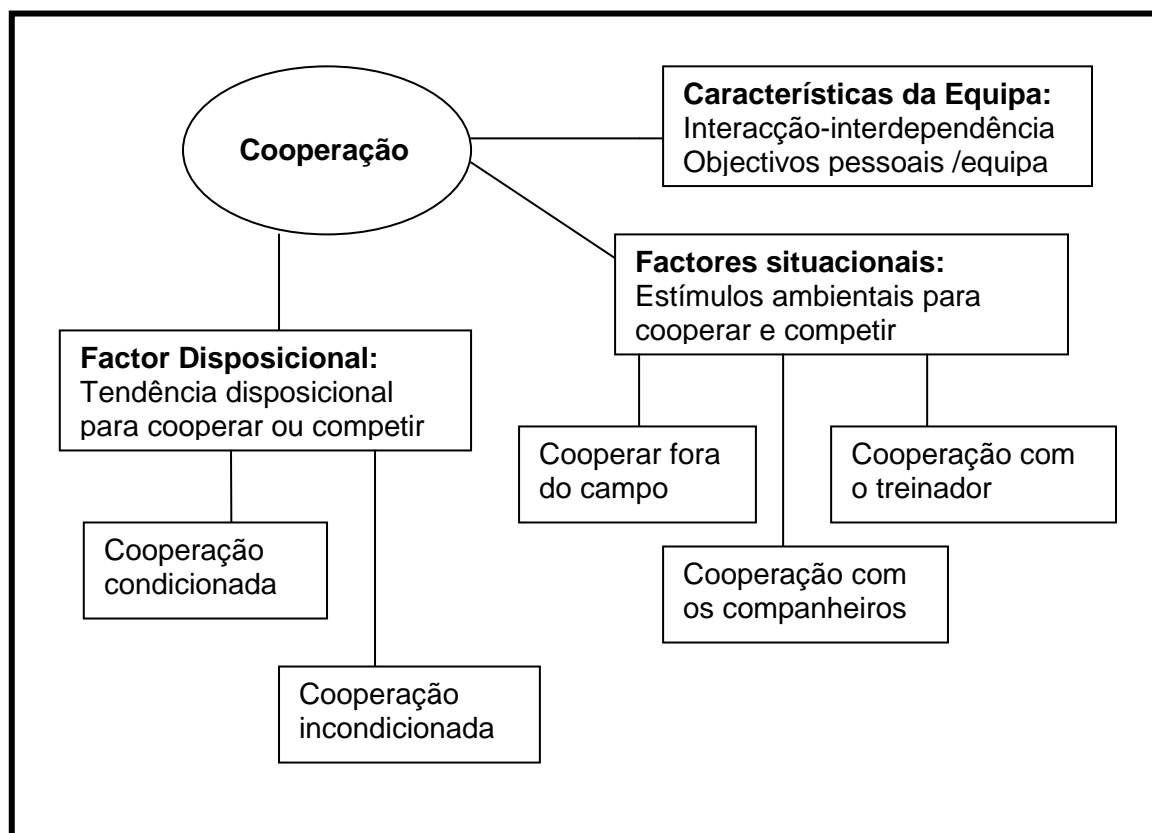


Figura 2 – Modelo conceitual de cooperação desportiva do QCD (in García-Mas, 2006)

De realçar que apesar da versão original do questionário ser constituída por cinco factores, como ficou elucidado na figura 2, a versão aferida para a população portuguesa, apenas considera 3 factores, sendo eles a cooperação incondicionada, condicionada e com o treinador. É importante referir esta circunstância uma vez que realça que as percepções relativas ao construto, e até mesmo ao próprio estudo, têm um carácter multicultural, não sendo, portanto, idêntico em todos os países.

Fica desde já a noção de que a cooperação apenas está a dar os seus primeiros passos a nível de investigação desportiva. Exemplo disto mesmo, é que apenas o ano passado foi aferido para Português o questionário de cooperação em contexto desportivo (Martins, 2007).

Depois de examinado o conceito de cooperação, será de seguida analisado o conceito de auto-eficácia, já que, e tal como foi enunciado no final da introdução deste trabalho, através

do estudo deste conceito se tornará mais evidente a compreensão do constructo de eficácia colectiva, uma vez que o primeiro constructo está na génese do segundo.

## AUTO-EFICÁCIA

A teoria da auto-eficácia tem como pano de fundo a teoria socio-cognitiva, a qual, segundo Bandura (1986, cit. por Beauchamp 2007), refere que “os indivíduos são ao mesmo tempo produtos e produtores do meio onde se inserem, da sua personalidade, e das suas acções”. Ou seja, esta teoria sustenta que dentro do nosso meio de actuação, nós somos influenciados pelos outros, mas que, simultaneamente, também os influenciámos a eles.

Paralelamente a esta teoria surge, então, a teoria da auto-eficácia, com o objectivo de perceber como é que os indivíduos desenvolvem e gerem determinadas crenças e expectativas acerca das suas capacidades para executar individualmente e com sucesso, a tarefa que se propõem desempenhar.

A auto-eficácia é definida por Bandura como sendo “a crença que uma pessoa tem nas suas próprias capacidades para actuar, ou para atingir determinados níveis de performance” (Bandura, 1997, cit. por Myers et al. 2004).

De acordo com o mesmo autor (1977, cit. por Strauser 1994) existem três dimensões distintas nas expectativas e crenças de eficácia do indivíduo. Estas são representadas em termos do Nível, da Força, e da Generalização.

- O Nível das crenças de eficácia pode variar de tarefas muito complexas para tarefas mais simples. Esta divisão que se estabelece quanto ao nível de dificuldade de determinada tarefa, pode ser analisado, medido e definido para cada acção desempenhada. Por exemplo, podemos pedir a um jogador que remate a uma baliza sem guarda-redes – estando neste caso perante uma tarefa simples-, ou que passe por um defesa e remate para a mesma baliza indefesa – estando assim perante uma tarefa um pouco mais difícil -, ou podemos, por último, pedir-lhe que finte dois defesas e marque golo numa baliza defendida, desta vez, por um guarda-redes – estando neste último exemplo face a uma tarefa com um grau de dificuldade visivelmente superior.
- A Força das crenças de eficácia diz respeito à certeza que o indivíduo tem, de ser capaz de atingir com sucesso, um determinado nível de desempenho, numa determinada tarefa. Ou seja, a força da auto-eficácia está intimamente relacionada com o nível de confiança subjectiva do indivíduo de ser capaz de alcançar um certo nível de rendimento. Concomitantemente, quanto maior fôr a força da crença de eficácia do sujeito, maior será também a persistência

que este revelará, o que, invariavelmente, aumentará consideravelmente as probabilidades do atleta de alcançar o sucesso na tarefa a desempenhar.

- Por último a Generalização prende-se com a quantidade de áreas e domínios, nos quais o indivíduo se acha eficaz. Esta influencia a amplitude de generalização das crenças de eficácia do sujeito, o que acabará por influenciar a performance do indivíduo num diverso número de tarefas, e até mesmo ao nível do meio no qual o indivíduo desempenha a tarefa. Estes domínios podem variar de várias maneiras. Pode ser devido ao tipo de skills que são necessárias para realizar a tarefa, ou seja, se é preciso um talento ou um treino especial para realizar a tarefa ou não, ou se a tarefa é, pelo contrário, mais do fôro cognitivo, ou afectivo, ou até mesmo comportamental.

### **Fontes de Auto-Eficácia**

Por fontes de auto-eficácia pretende-se explicar quais são os antecedentes da auto-eficácia, isto é, quais são os factores que funcionam como dinamizador e impulsionador de um maior, ou menor, nível de auto-eficácia no sujeito. Ou seja, quais são as fontes de informação que o atleta utiliza para formar uma crença acerca das suas capacidades. Bandura (1977, cit. por Strauser 1994) afirma que são quatro as fontes informacionais utilizadas pelo indivíduo. Estas são responsáveis pela criação de determinado nível de expectativas acerca da eficácia ou ineficácia do sujeito.

Cruz e Viana (1996) denominam estes factores, enunciados por Bandura, de “Experiências pessoais de realização e da Performance”, “Experiências Vicariantes de Observação do rendimento por modelos”, “Persuasão Verbal” e, por último, “Estados Fisiológicos”.

De todas estas quatro fontes de informação, aquela que é tida como sendo a que desempenha um papel mais importante, é a “experiência pessoal de realização e da performance”. Esta está intimamente relacionada com as experiências passadas do atleta. Ou seja, as experiências anteriores, em termos de fonte de informação que abrange tanto sucesso como insucesso, acabam por ter um peso maior nas crenças de eficácia que vão ser geradas pelo sujeito posteriormente. É com relativa facilidade que se compreende porque é que esta é a mais importante. É que, de facto, estas experiências anteriores fornecem a prova mais autêntica, fidedigna e evidente sobre a real capacidade do sujeito de executar a tarefa com sucesso. Isto vai resultar numa relação na qual o sucesso aumenta o nível de auto-eficácia, ao passo que o insucesso diminui o nível da mesma.

Logo, pode-se concluir que as crenças de auto-eficácia do atleta, que evidenciam um nível muito elevado, e que são, por conseguinte, mais resistentes, são conseguidas através de sucessivas vitórias alcançadas por parte deste.

A segunda fonte de informação acerca da eficácia, reside nas experiências vicariantes. Estas estabelecem-se quando o indivíduo observa outras pessoas a realizarem a mesma tarefa, sem obterem da mesma uma consequência negativa. Ao ver um outro atleta a desempenhar com sucesso uma tarefa, o indivíduo convence-se que, se fizer tal e qual como acabou de observar o outro atleta fazer, também ele irá conseguir alcançar o sucesso desejado. Basicamente o que acontece, segundo Maddux (1995, cit. por Stegêlin 2003), é que quando os indivíduos observam outros a desempenhar a mesma tarefa, eles reparam sobretudo nas consequências que advêm da execução correcta e exemplar da tarefa, para posteriormente, com base nesta informação, formarem pareceres acerca da sua performance.

A terceira maneira de aumentar as crenças de eficácia, é através da persuasão verbal. Fazendo uso desta, consegue-se que os indivíduos acreditem mais firmemente nas suas capacidades, seja através de sugestões ou até mesmo de feedback positivo. Por outras palavras, acredita-se, então, que é possível persuadir de tal maneira o sujeito que este se convence ser capaz de realizar positivamente uma tarefa, a qual, anteriormente, o mesmo sujeito achava estar claramente para além das suas capacidades. Contudo, de acordo com Strauser (1994), o nível de auto-eficácia, na persuasão verbal, tem tendência a ser facilmente atingida e debelada quando é experienciado insucesso por parte do indivíduo.

Por último temos os estados fisiológicos e emocionais. Estes estão directamente associados à relação que se estabelece entre a tarefa, e a percepção que o indivíduo tem acerca de si, tanto emocional como fisiologicamente. No decorrer de uma tarefa se o atleta se auto-percepção como estando cansado, com dores musculares – estas duas a nível físico -, stressado, ansioso, angustiado ou deprimido – estas últimas do campo emocional e cognitivo-, esta sua percepção vai afectar directamente a sua auto-eficácia, que, por conseguinte, vai influenciar negativamente o seu desempenho. Fernando Mamede, citado por Cruz e Viana (1996), afirma, acerca do seu desempenho na prova de dez mil metros nos jogos olímpicos de Los Angeles, que *“foi o meu sistema nervoso que me traiu...fiz a primeira parte da corrida bem, mas as baterias nervosas traíram-me. E toda a gente sabe que eu, de início, estava com medo dos dez mil nos jogos...”*. Este exemplo demonstra indubitavelmente o efeito que os estados emocionais e fisiológicos podem ter no desempenho dos atletas.

Apesar destas quatro fontes de informação surgirem com uma ordem hierárquica, é necessário ressaltar que esta mesma ordem não está fixada em lado nenhum, até porque dependente dos desportos, a ordem pode-se modificar. Não existe nenhum estudo realizado que demonstre claramente uma ordem de importância para as fontes de informação que o atleta usa para formar crenças acerca da sua eficácia. Contudo, Feltz & Lirgg (2001) demonstraram a importância que a experiência passada tem para a criação de crenças sobre eficácia, e do papel fulcral que estas desempenham na performance futura do atleta.

Depois de ter sido analisado até ao presente momento a auto-eficácia, passar-se-á de seguida a considerar o construto da eficácia colectiva, o qual será alvo objectivo de estudo nesta tese. Falou-se primeiramente de auto-eficácia por forma a contextualizar, e a enquadrar mais facilmente a teoria, e também para dar uma noção precisa da evolução histórica do construto, uma vez que a auto-eficácia está na génese da eficácia colectiva.

## EFICÁCIA COLECTIVA

A teoria de eficácia colectiva é também ela proposta, assim como a de auto-eficácia, por Bandura. Este ao verificar a existência de um grau elevadíssimo de interacção ao nível desportivo entre os atletas de uma mesma equipa, afirmou que a auto-eficácia seria um mau preditor da performance da equipa, porque esta se centra mais no plano individual. Ou seja, as crenças que os atletas possuíam sobre as suas capacidades de desempenho individuais, podiam não traduzir a crença que os atletas tinham acerca do desempenho da sua equipa como um todo.

Bandura (1997, cit. por Sullivan, & Feltz, 2005), surge, então, com o conceito de eficácia colectiva, o qual o próprio autor define como sendo “uma crença partilhada pelo grupo nas suas capacidades de organizar e executar os melhores procedimentos a tomar, de modo a que este consiga atingir um determinado objectivo”. Deste ponto de vista podemos afirmar que, para o autor, as noções construídas pelos jogadores sobre a potência do grupo como um todo, é claramente mais importante do que a visão que os atletas constroem acerca das suas capacidades individuais, e também que a eficácia colectiva vai muito mais além do que uma simples soma de todas as auto-eficácias de todos os jogadores de uma equipa. De facto, e de acordo com Zaccaro, Blair, Peterson e Zazanis, existem diversos processos que têm lugar no âmago do grupo, e que uma mera soma de auto-eficácias não tem em consideração. Os autores alertam que quando estamos perante um grupo, temos que ter em atenção os fenómenos de coordenação, integração e de interacção, os quais são inerentes ao próprio grupo. Ora, são precisamente estes fenómenos que não são tidos em conta quando se somam todas as auto-eficácias de uma equipa, para assim se conseguir chegar a um nível grupal. Os autores afirmam que “a eficácia colectiva não diz apenas respeito ao quão bem os membros do grupo usam os seus atributos individuais, mas também, ao quão bem estes atributos individuais de todos os membros, são coordenados e combinados entre si” (Zaccaro et al, 1995, cit. por Feltz & Chase, 1998).

### Mensuração de Eficácia Colectiva

Ao longo do curso dos anos surgiu o interesse num núcleo de investigadores, para se aferir qual seria a melhor maneira de se aceder ao nível de eficácia colectiva de uma equipa.

Segundo Bandura (1997) existem duas possíveis abordagens que nos permitem aceder ao nível das crenças de eficácia colectiva vigente numa equipa. A primeira abordagem envolve aceder às crenças que cada atleta tem, relativamente à sua própria capacidade para

desempenhar exemplarmente a sua função dentro da equipa (i.e., auto-eficácia). Depois de recolhida, esta informação, respeitante somente ao nível individual, é compilada e transposta, através da soma de todos os questionários de todos os atletas da equipa, para o nível grupal, já que este é o nível que interessa trabalhar quando falamos de equipas. Nesta abordagem estamos perante um caso de “auto-eficácia agregada”. A segunda abordagem implica aceder às crenças que cada atleta tem, acerca da capacidade que eles julgam que a sua equipa tem de executar com sucesso a tarefa que tem pela frente. Ou seja, esta segunda abordagem remete-nos desde logo para o nível grupal, já que não se centra nas capacidades de desempenho do atleta na sua individualidade, mas sim da equipa como um todo. Depois de obtida a informação agregamo-la por forma a elaborarmos o nível de eficácia colectiva da equipa. Fala-se, nesta segunda abordagem, de “eficácia colectiva agregada”.

Bandura argumenta que a segunda abordagem tem um melhor poder preditivo acerca do desempenho da equipa, em tarefas altamente interdependentes, do que a primeira (cit. por Myers et al., 2004). De acordo com o autor, isto acontece devido ao facto da mera soma das avaliações pessoais sobre a auto-eficácia do atleta, se tornar insuficiente e limitadora para explicar toda a dinâmica que se estabelece entre os membros da equipa. Ou seja, a interpretação que um atleta faz relativamente às suas expectativas de desempenho, não traduz a maneira como o colectivo percebe as suas capacidades enquanto um todo, e, principalmente, a maneira como o todo utiliza os seus recursos para atingir o objectivo pretendido (Feltz & Lirgg, 2001).

Feltz e Lirgg (1998) foram investigar se realmente acontecia o que Bandura sugeria, ou seja, se, de facto, a segunda abordagem tinha um melhor poder preditivo da performance futura de uma equipa, ou se era exactamente o contrário. Estes investigadores estudaram e examinaram 16 equipas de hóquei no gelo masculinas, sempre nas 24 horas que antecediam os jogos das equipas, ao longo de uma época desportiva. Os resultados obtidos mostraram inequivocamente que a “eficácia colectiva agregada” era um melhor preditor do desempenho das equipas do que a “auto-eficácia agregada” (Feltz e Lirgg, 1998). Os resultados obtidos por estes investigadores não são de todo surpreendentes, uma vez que há diversos fenómenos que acontecem num grupo, e que a auto-eficácia jamais podia ter em consideração, já que em nenhuma altura da formação de crenças de auto-eficácia os atletas se questionam sobre as capacidades dos outros membros da equipa, da motivação da mesma, e sobre a capacidade dos atletas combinarem os seus recursos e trabalharem todos juntos em prol de um objectivo da equipa.

É precisamente por respeitar estes processos grupais, que se utiliza a eficácia colectiva agregada quando se estudam equipas, já que esta intervém ao nível do “como é que os recursos de cada um podem ser combinados e coordenados, de forma a se atingir um desempenho de excelência”. Aliás, o próprio Bandura salienta que *“as pessoas não vivem as suas vidas enquanto seres isolados. Grande parte dos desafios, e das dificuldades, que lhes surgem reflectem problemas grupais, os quais requerem um esforço colectivo sustentado, de modo a que se consiga produzir mudanças significativas”* (Bandura, 1982, cit. por Carron, 1998).

### **Quatro aspectos importantes na definição de Bandura**

Pegando na definição elaborada por Bandura, Beauchamp (2007) chama a atenção para uma análise mais aprofundada à definição proposta por este, já que esta encerra em si quatro aspectos dignos de realce, os quais facilitam a compreensão do constructo de eficácia colectiva.

Primeiramente o autor afirma que a eficácia colectiva é uma crença ou uma percepção partilhada, que envolve um determinado nível de consenso entre os atletas. Contudo, apesar de resultar de um consenso, não significa que todos partilhem a mesma crença, ou seja, no mesmo grupo podemos estar perante atletas que, ao contrário da maioria, evidenciam crenças muito positivas ou negativas, face ao desempenho que julgam que a sua equipa vai obter.

O segundo aspecto está intimamente relacionado com a noção de eficácia colectiva requerer a junção e combinação das capacidades de todos os atletas. Ou seja, quando elaboram as crenças acerca da eficácia colectiva, os atletas não têm só em consideração as suas capacidades, mas sim o quão bem elas se combinam com as capacidades dos restantes atletas. Isto é, ao contrário da auto-eficácia em que o atleta só pondera as suas capacidades, as crenças de eficácia colectiva do atleta, no contexto desportivo, porque estamos perante tarefas altamente interdependentes, as quais necessitam dos esforços de todos na equipa, reflectem o que ele pensa ser a capacidade da equipa de desempenhar a um determinado nível. Tal como afirmam Feltz e Lirgg (1998) *“os membros de uma equipa não conseguem elaborar pareceres acerca da sua capacidade de jogar bem no seio da equipa, sem terem em consideração a qualidade dos seus companheiros de equipa”*.

O terceiro ponto prende-se com a organização e execução de planos de acção. Este ponto, portanto, relaciona-se com a noção de Zaccaro et al., já que estes investigadores afirmam,

como foi já anteriormente mencionado, que a eficácia colectiva envolve combinação, coordenação e integração das capacidades dos elementos do grupo. O que podemos afirmar, tanto através da definição de Bandura, como através da de Zaccaro e colaboradores, é a existência de elevados níveis de interacção entre os atletas, os quais são fundamentais para a correcta realização de uma determinada tarefa, ou para o alcance de determinado objectivo proposto pela equipa.

Por último, Beauchamp (2007) afirma que um aspecto que diferencia a eficácia colectiva de variáveis como a *potência de grupo*, ou a *auto-estima colectiva*, é o facto da eficácia colectiva ser direccionada a um objectivo específico. Ou seja, ao passo que a potência de grupo e a auto-estima colectiva, segundo o autor, descrevem “sistemas generalizados de crenças”, a eficácia colectiva representa a focalização que os atletas fazem sobre as capacidades da sua equipa ultrapassar ou atingir um objectivo concreto, ou seja, o nível e a força das crenças depende da tarefa, e varia consoante a tarefa que os atletas têm de desempenhar.

### **Fontes de Eficácia Colectiva**

Bandura (cit. por Feltz & Lirgg, 2001) afirma que, devido ao facto dos construtos de auto-eficácia e eficácia colectiva serem tão parecidos, aliás, e tal como já foi referido anteriormente, o primeiro serviu de base para o último, as fontes por detrás dos fenómenos são provavelmente muito parecidas, apesar de a auto-eficácia se prender apenas a uma dimensão individual, e a eficácia colectiva dizer respeito a um nível grupal. De realçar que por fontes se designam todos os fenómenos que antecedem, promovem e potenciam o tipo e o nível de força das crenças de eficácia colectiva dos atletas de uma equipa.

Assim, e tal como acontece com a auto-eficácia, crê-se que a fonte mais crucial e preponderante na formação das crenças de eficácia colectiva seja a “Experiência de realização e da performance”, uma vez que através desta os atletas conseguem tirar conclusões sobre o desempenho passado da sua equipa, e através dessas conclusões conseguem tirar lições, e formar novas crenças, direccionadas ao que eles julgam ser o desempenho futuro da equipa. Ou seja, estas experiências passadas referem-se a algo que o sujeito vivenciou, que o afectou positiva ou negativamente, mas, e isto é o mais importante, através da qual ele pode tirar as suas lições para o futuro.

Outra das fontes que merece também especial atenção por parte de alguns autores e investigadores, é a “Experiência Vicariante”. De acordo com Bandura e Walters (cit. por

Vala & Monteiro, 2004), a experiência vicariante é bastante importante, não só no contexto desportivo e grupal, como também num plano individual, já que “através do visionamento da acção de um outro, o espectador tem acesso a emoções, experiências e comportamentos que, em certas condições, têm o mesmo impacto que a experiência directa, e que podem, por isso, validar, reforçar ou mudar representações”. Isto é, através da visualização da realização de uma determinada tarefa por parte de outra equipa do mesmo nível (denominada aqui por equipa B), os atletas da equipa A (ie, a equipa que observa) recebem um vasto nível de informação. Se a equipa B realiza com sucesso a tarefa, os atletas da equipa A podem sentir-se motivados para realizarem também eles a mesma tarefa, já que sabem que se adoptarem os mesmos comportamentos que a equipa B adoptou, vão, teoricamente, também eles ser bem sucedidos na realização da tarefa. Já pelo contrário, se os atletas vêem a equipa B falhar no alcance do objectivo, o resultado é diferente. Sendo as equipas muito parecidas, os atletas podem interiorizar que eles também vão fracassar ao realizar a mesma tarefa.

No que concerne aos “Estados Fisiológicos e Afectivos”, estes servem também de antecedente, na medida em que a condição física dos atletas pode afectar as crenças nas suas capacidades, assim como, emocionalmente, um estado de espírito mais positivo ou negativo vigente na equipa, tem um impacto directo nas crenças do grupo.

Por último, a persuasão verbal quando combinada com uma pressão social pode ser muito importante. George e Feltz (1995, cit. por Feltz & Lirgg, 2001) afirmam que tanto os adeptos como a imprensa podem, também eles, ser responsáveis pelo fornecimento de um importante nível de feedback à equipa, o qual, sem dúvida, pode afectar as crenças de eficácia colectiva dos atletas. Uma claque que apupa a equipa durante um jogo inteiro, ou um artigo mais ríspido e feroz por parte da imprensa, pode ser tão desmoralizador, como um treinador que constantemente rebaixa e repreende os seus jogadores. Por outro lado, uma claque que mesmo quando as coisas não correm tão bem à sua equipa, a apoia incondicionalmente, ou um artigo que enalteça a equipa em questão, pode fazer aumentar a confiança da equipa nas suas capacidades colectivas.

Apesar destas quatro fontes serem consideradas como sendo as mais importantes, um grupo crescente de investigadores tem vindo a considerar outras variáveis como possíveis fontes de eficácia colectiva, como é o caso da liderança.

Watson e Chemers (cit. por Feltz e Lirgg, 2001) sugerem que a eficácia colectiva pode ser directamente influenciada por uma liderança eficaz. Os líderes têm a oportunidade para

contribuir para o bom funcionamento da sua equipa, e ainda têm a capacidade de eliminar ou minimizar problemas de coordenação, de forma a melhorar a performance do grupo. Um líder respeitado pode ser capaz de influenciar positivamente os membros do grupo através do seu discurso verbal, levando os elementos, desta forma, a acreditarem que eles possuem as capacidades necessárias para alcançar determinado objectivo. Já pelo contrário, um líder ineficaz e pessimista pode desmoralizar a sua equipa, já que este pode não ter capacidade para liderar, solucionar problemas emergentes, ou por estar constantemente a rebaixar o grupo. Watson e colaboradores (cit. por Beauchamp, 2007) concluíram do seu estudo, que a eficácia colectiva de uma equipa é fortemente influenciada tanto por uma liderança designada, como por uma liderança emergente, desde que estas sejam vistas como sendo de confiança por parte de todos os elementos da equipa.

Jung e Sosik (cit. por Beauchamp, 2007) estavam também interessados em estudar a importância da liderança na eficácia colectiva, mais concretamente queriam averiguar a existência de uma relação concreta entre liderança transformacional e a eficácia colectiva. A liderança transformacional baseia-se em comportamentos que promovem a exaltação dos objectivos estabelecidos para o grupo, e impulsiona, através da confiança, os elementos do grupo a irem para além das suas expectativas, e dos seus limites. Jung e Sosik chegaram à conclusão que existe uma relação positiva entre liderança transformacional e eficácia colectiva, e que o que medeia esta relação é o sentimento de empreendedorismo por parte dos atletas.

A coesão é outra das variáveis que pode potenciar significativamente a eficácia colectiva. Spink (1990, cit. por Carron, 1998) estudou a relação entre estas duas variáveis, e concluiu que os atletas que viam a sua equipa com um nível mais elevado de coesão para a tarefa, também viam a sua equipa como tendo um nível elevado de eficácia colectiva. Aliás, Zaccaro e colaboradores (1995, cit. por Carron, 1998) salientam que a relação que se estabelece entre coesão e eficácia colectiva aparenta ter um carácter recíproco, na medida em que as equipas que evidenciam maiores níveis de eficácia colectiva são na grande maioria das vezes mais coesas, assim como as equipas que revelam maiores níveis de coesão manifestam também fortes índices de eficácia colectiva.

Watson e Chemers (cit. por Feltz e Lirgg, 2001) alertam ainda para outro factor que pode ser bastante importante, e o qual pode também anteceder e potenciar a eficácia colectiva de alguma maneira. Segundo os autores, a composição do grupo, em termos de tamanho, pode ser bastante responsável pela manifestação de níveis mais elevados ou reduzidos de eficácia colectiva por parte da equipa. Grupos muito extensos podem padecer de sérias

dificuldades de coordenação entre os seus membros, o que se pode reflectir numa reduzida noção de eficácia colectiva da equipa. Por outro lado, estes mesmos grupos podem também possuir um número mais lato de recursos, o que lhes pode enaltecer e fortalecer as suas crenças de eficácia colectiva. Zaccaro e colaboradores (1995, cit. por Beauchamp, 2007) afirmam que quanto maior for o grupo, maiores probabilidades este terá de desenvolver problemas de coordenação, sendo que a coordenação, tal como foi mencionado acima, é definida por estes mesmos autores, como sendo uma peça imprescindível para a eficácia colectiva.

As relações que se estabelecem entre determinadas variáveis e a variável eficácia colectiva, e que acabam por influenciá-la positiva ou negativamente, e por potenciá-la ou impossibilitá-la, não se limitam apenas a uma dimensão e a um nível de análise grupal, como as acima enumeradas. De facto, e apesar da eficácia colectiva ser um fenómeno grupal, existem algumas variáveis de nível individual que afectam directamente a força das crenças de eficácia de uma equipa.

Greenlees, Nunn, Graydon e Maynard (1999, cit. por Sullivan e Feltz, 2005) realizaram um estudo no qual se propuseram analisar os níveis individuais de ansiedade, bem como o estado de espírito, de um conjunto de atletas de rúgbi, e qual seria a influência destes na eficácia colectiva da equipa. Os autores chegaram à conclusão que, nos momentos que antecediam os jogos, existia de facto uma relação entre as crenças individuais às quais eles acederam, e o nível de eficácia colectiva da equipa. Ou seja, quando a equipa estava perante níveis mais reduzidos de eficácia colectiva (ie, quando os atletas achavam que iam ter um mau desempenho), os atletas manifestavam também níveis mais elevados de ansiedade, e estados de espírito mais negativos.

É de realçar que quando se focaliza a atenção nas equipas desportivas, constata-se que estas são grupos dinâmicos, nos quais os seus elementos, na grande maioria das vezes, partilham os mesmos valores e os mesmos objectivos. Contudo, e apesar da eficácia colectiva se traduzir numa crença partilhada pela equipa, em qualquer equipa este conceito acaba por reflectir irremediavelmente a crença que cada membro tem sobre quais são as possibilidades da sua equipa alcançar o objectivo estipulado à partida, a qual pode por vezes não estar em concordância com a noção individual que cada atleta considera (Bandura, 1997, cit. por Myers et al., 2004).

Segundo Watson e Chemers (1998, cit. por Feltz e Lirgg, 2001) as razões por detrás deste fenómeno podem não ficar apenas a dever-se aos fenómenos anteriormente enumerados,

os quais inibem ou potenciam a eficácia colectiva de uma equipa, como podem também ser resultado dos diferentes tipos de personalidade dos diferentes atletas, isto é, pode acontecer o caso de jogadores com personalidades mais negativas terem sempre um nível mais reduzido de crenças sobre a capacidade colectiva da equipa, do que os restantes atletas da equipa.

Contudo, é preciso ter também em mente que em diversos contextos, como é o caso do contexto desportivo, os sujeitos desempenham a sua função inseridos numa equipa, o que significa que todos os membros da equipa trabalham conjuntamente, e interagem entre si, por forma a atingir o objectivo pretendido. Por outras palavras, quando a equipa está perante tarefas altamente interdependentes, a eficácia colectiva desempenhará um papel fundamental em termos da performance da equipa. É o resultado desta dinâmica de interacção, e também de cooperação entre os atletas, que vai determinar o nível de desempenho que estes vão conseguir alcançar (Bandura, 1997, cit. por Myers et al., 2004).

### **Interdependência de Tarefas**

Devido ao papel preponderante que a eficácia colectiva desempenha quando os grupos estão perante tarefas altamente interdependentes, tem-se vindo a conceptualizar o conceito de interdependência das tarefas, com base na relação que é estabelecida entre o objectivo, a tarefa e o resultado.

Primeiramente, a interdependência de objectivo, diz respeito à inter-relação existente entre os elementos da equipa, a qual é sugerida pelos objectivos que conduzem os esforços e o desempenho colectivos (Saavedra, Earley, & Van Dyke, 1993, cit. por Myers et al., 2004). Por outro lado, a interdependência da tarefa diz respeito ao grau de interacções estabelecidas entre os elementos da equipa, as quais são promovidas pela própria tarefa (Shea & Guzzo, 1987, cit. por Myers et al, 2004). Por último, e ainda segundo os mesmos autores, a interdependência de resultados, refere-se à existência de consequências advindas da obtenção de determinado resultado, as quais são partilhadas por todos os elementos da equipa.

Podemos claramente aplicar estas três premissas ao contexto desportivo. Por exemplo, uma equipa manifesta os seus *objectivos interdependentes* através da tentativa de marcar golos. Tem também *tarefas interdependentes*, que são traduzidas pela realização de um determinado plano de jogo. E obtém, ainda, *resultados interdependentes*, os quais são o produto da sua performance no jogo, e que podem tomar a forma de elogios ou de críticas

por parte dos media, da massa associativa, ou até mesmo da equipa técnica, consoante o resultado obtido pela equipa

Apesar da aplicação prática ser clara e facilmente perceptível para qualquer uma das três situações (ie, interdependência de tarefa, objectivo e resultados), tal como foi elucidado pelo exemplo anterior, Bandura (1986, 1997, cit. por Myers et al., 2004) afirma que, relativamente à interdependência de tarefa, podem acontecer duas situações para as quais ele chama à atenção. Ora segundo ele, quando estamos perante equipas onde a interdependência entre os seus elementos é relativamente baixa, a aglomeração de informação ao nível individual sobre a eficácia de cada um dos atletas, pode ter um poder preditivo mais exacto sobre o desempenho da equipa. No entanto, quando estamos perante um grupo altamente interdependente, a análise das crenças de eficácia colectiva a nível grupal é sem dúvida o melhor preditor da performance futura da equipa.

Ainda segundo o mesmo autor, pode acontecer o caso de atletas que desempenhem mais que uma função na equipa, possam ver a eficácia da equipa de maneira diferente em relação aos restantes colegas de equipa. Bandura afirma que será, então, extremamente raro encontrar-se uma equipa que tenha uma clara unanimidade consensual de crenças entre os seus membros. Não obstante, com o passar do tempo, e através da partilha de vivências e de resultados, as crenças relativas à eficácia da equipa acabarão por reflectir um consenso marcado no grupo. Ou seja, as crenças tenderão a caminhar todas para um mesmo nível, sendo cada vez menos provável a existência de outliers tão marcados.

De acordo com Lindsey, Brass & Thomas (1995), Mischell & Northcraft (1997) (cit. por Myers et. al 2004), e também com Bandura (1986, 1997) (cit. por Feltz e Lirgg, 1998), as equipas com elevada eficácia colectiva tendem a superar mais facilmente um adversário ou um momento mais complicado, e tendem também a persistir durante mais tempo perante situações mais adversas, do que equipas com um nível mais reduzido de eficácia colectiva. Logo é justo afirmar-se que, muito possivelmente, as equipas que têm uma vasta lista de êxitos e de bom desempenho seguidos, devem ter um forte sentido de eficácia colectiva, entre outras variáveis também presentes, entre os membros que fazem parte da sua equipa.

### **Duas dimensões intrínsecas à Eficácia Colectiva**

Mischell e Northcraft (1997, cit. por Stegelin, 2003), afirmam a existência de duas dimensões que estão directamente relacionadas com o construto de eficácia colectiva.

A primeira, denominada pelos autores por “*eficácia colectiva para a tarefa*”, diz respeito às crenças que os atletas têm relativamente ao nível de conhecimento que a equipa tem acerca da tarefa, e das suas capacidades, para que consigam desempenhar correctamente a tarefa em mãos. Por exemplo, uma equipa de futebol *a priori* pode determinar um número de golos que se propõe a marcar no jogo mais próximo, e avalia o sucesso que atinge nesse mesmo jogo tendo em consideração o alcance da meta estabelecida, ou seja, o número de golos marcados.

A segunda dimensão, denominada de “*efeito de interdependência colectiva*”, diz respeito a algo diferente. Esta prende-se com as crenças que os atletas têm sobre o grau de conhecimento, técnica e capacidade que o grupo possui para que consiga desempenhar uma dada tarefa, através de uma interacção eficaz. Pegando no exemplo de cima, e aplicando a esta dimensão, ele vai se reflectir na capacidade da equipa conseguir passar eficazmente de uma estratégia ofensiva para uma defensiva, desempenhando cada um dos jogadores o seu papel, para que assim a equipa consiga pressionar a equipa adversária, obrigando-a, desta forma, a cometer erros, e aproveitar esses erros para roubar a bola e lançar um contra-ataque, no qual, mais uma vez, os atletas têm de conseguir mudar de estratégia, passando, agora, de uma estratégia defensiva para uma ofensiva, tendo cada jogador de ocupar o seu lugar e desempenhar correctamente o seu papel, para que a equipa consiga ser vitoriosa no seu objectivo, neste caso, marcar um golo. Ou seja, esta segunda dimensão prende-se com a capacidade dos atletas se desdobrarem em diferentes níveis, e de interagirem uns com os outros para conseguirem alcançar a meta fixada.

Ao olharmos para estas duas dimensões há duas conclusões que nos surgem de imediato:

- Primeiro, pode-se afirmar que com base nestas duas dimensões os atletas conseguem estabelecer uma ponte entre as suas crenças e o desempenho real que obtêm.
- E segundo, pode-se também afirmar que as expectativas de desempenho da equipa antes dos jogos, ou seja, o número de golos que esperam marcar, ou a eficácia das transições ataque-defesa e vice-versa, influenciam a performance posterior.

De facto, Bandura (1997, cit. por Stegelin, 2003) afirma que estes dois fenómenos servem de mediadores das relações que se estabelecem entre as percepções da capacidade de uma equipa, e a performance real da mesma. Bandura afirma também que a capacidade da equipa atingir sucesso reside na influência que as crenças de eficácia exercem nos atletas para “organizarem e executarem planos de acção de forma a atingir um determinado objectivo”. Ou seja, pode-se afirmar que o nível de interacção e de interdependência vigentes na equipa não só influenciam a eficácia colectiva, como também são influenciados por esta última.

### **Primeiros estudos realizados com eficácia colectiva em contexto desportivo**

Um dos primeiros estudos realizados foi levado a cabo por Spink em 1990 (cit. por Feltz & Lirgg, 2001), e tinha o objectivo de averiguar a existência, ou inexistência, de uma possível relação entre eficácia colectiva e a coesão. O autor pediu a jogadores de volei profissionais e amadores que preenchessem o GEQ (Group Environment Questionnaire), de forma a medir coesão, ao passo que para medir a eficácia colectiva eram colocadas duas questões aos sujeitos. Primeiro, que lugar na tabela classificativa eles achavam que a sua equipa iria ocupar, e segundo, qual o grau de confiança que eles tinham nessa mesma classificação. Os resultados obtidos mostram que as equipas com elevada eficácia colectiva ficaram melhor classificadas do que as que tinham um nível mais reduzida de eficácia colectiva.

Paskevich (1995, cit. por Feltz & Lirgg, 2001) seguiu as pisadas de Spink, e foi também ele analisar as mesmas duas variáveis. Contudo, este investigador criou oito escalas de eficácia colectiva, as quais eram bastante mais precisas do que o método utilizado por Spink, e mediu a eficácia colectiva durante uma época inteira. Os resultados obtidos mostraram que a eficácia colectiva e a coesão aumentaram com o decorrer da época, e que a eficácia colectiva serviu de mediador entre a coesão orientada para a tarefa, e o desempenho da equipa, mas somente no início da temporada, já que o mesmo não sucedeu no final da mesma. Estes resultados vão de encontro à ideia de Bandura (1986, 1997 cit. por Feltz & Lirgg, 2001) de que a eficácia colectiva medeia a relação entre a coesão e a performance, em equipas altamente interdependentes.

Em 1998, Feltz e Lirgg realizaram um estudo exaustivo, no qual mediam, sempre antes dos jogos, a auto-eficácia e a eficácia colectiva, das equipas participantes ao longo da temporada. Os resultados obtidos por estes investigadores são concordantes com a visão de Bandura, na medida em que a eficácia colectiva foi um melhor preditor da performance

da equipa do que a auto-eficácia agregada, já que os atletas estavam perante tarefas altamente interdependentes. Estas investigadoras ainda concluíram que quando a equipa tinha perdido o jogo anterior, apenas as crenças de eficácia colectiva eram abaladas.

No mesmo ano, Watson e Chemers (cit. por Feltz & Lirgg, 2001) foram estudar a eficácia colectiva, a auto-eficácia, e ainda o optimismo em equipas de basquete. Para além disto, ainda foi pedido aos capitães de equipa que classificassem a confiança que tinham na sua liderança. Antes do início da temporada, os atletas com níveis elevados de optimismo, tinham também níveis elevados de eficácia colectiva. Contudo, o mesmo não se manifestou no final da temporada. Existia também uma relação entre eficácia colectiva e auto-eficácia no início da temporada, mas só para equipas com alta auto-eficácia. Para além disto, a eficácia colectiva de início de época predisse a eficácia colectiva de final de época, e as expectativas iniciais de eficácia predisseram a performance alcançada pela equipa no final da época. Por último a análise dos capitães correlacionava-se positivamente com a eficácia colectiva, mas só nas equipas que tinham experienciado insucessos no ano transacto.

### Últimas tendências de estudo da variável

Depois de analisado o percurso inicial da variável, e com destaque dos principais estudos feitos com a variável, torna-se agora premente analisar o percurso de investigação actual da eficácia colectiva, centrando-nos apenas no contexto desportivo. Para isso foi elaborada a tabela abaixo, a qual contém informação relativa ao ano, aos autores, ao âmbito do estudo, aos resultados e aos instrumentos dos principais artigos publicados nos últimos cinco anos.

Ano	Autor(es)	Ideias Chave	Resultados	Instrumento
2003	Chase, Feltz & Lirgg	Examinaram as fontes de informação que as jogadoras de basquete enumeravam e achavam mais importante, em termos de auto-eficácia e de eficácia colectiva, antes de um total de 12 jogos	A experiência passada era vista pelas atletas como a fonte mais preponderante, tanto em termos de auto-eficácia, como de eficácia colectiva. Contudo as atletas afirmaram também que havia fontes externas, como a escola e a sua vida social, que afectavam a sua auto-eficácia, mas não a eficácia colectiva da equipa.	
2004	Myers, Feltz & Short	Analisaram a relação recíproca entre eficácia colectiva e performance, ao longo de uma temporada, através de duas medidas, auto-eficácia agregada e eficácia	Os resultados obtidos por estes investigadores mostraram que a medida de eficácia colectiva era um melhor preditor do sucesso da equipa, do que a auto-eficácia agregada.	Auto-eficácia: escala que continha 4 itens que avaliavam o grau de confiança do indivíduo (como jogar melhor que o adversário, ou recuperar de um mau desempenho pessoal).

		colectiva		Eficácia Colectiva: escala que continha 9 itens que avaliavam o grau de confiança na equipa (como fazer menos faltas, ganhar o jogo, recuperar de um mau desempenho colectivo)
2004	Myers, Payment & Feltz	Levaram a cabo um estudo no qual tentaram averiguar as relações recíprocas existentes entre eficácia colectiva e performance. Eles acediam às crenças de eficácia colectiva da equipa antes de cada um dos dois jogos semanais	Através dos resultados obtidos os investigadores concluíram que as crenças do jogo de sábado eram um bom preditor da performance do jogo desse dia, e que as crenças do jogo de sexta prediziam positivamente a performance do jogo de sexta. Contudo as crenças de sexta era muito pouco significativas da performance do jogo de sábado.	Eficácia Colectiva: escala que continha 7 itens que avaliavam o grau de confiança que os atletas tinham na sua equipa (como derrotar a equipa adversária, rematar mais que a equipa adversária, recuperar de um mau desempenho colectivo) Performance: era obtido através da avaliação dada por um website dedicado a hóquei, o qual avaliava a equipa em diversos planos (como o número de golos, de remates, de defesas efectuadas, e percentagem de golos obtidos face ao número de remates da equipa)
2004	Magyar, Feltz & Simpson	Analisaram os determinantes da eficácia colectiva, quer a nível individual como grupal, no Remo. O nível individual dizia respeito à auto-eficácia relacionada com a tarefa, experiência de Remo, e orientação para o objectivo. O nível grupal analisava a percepção que os atletas tinham do clima motivacional e do tamanho do barco.	A auto-eficácia relacionada com a tarefa era um bom preditor das percepções individuais de eficácia colectiva, ao passo que as percepções de um clima de excelência/mestria também predizia significativamente a eficácia colectiva mas desta vez a um nível grupal	Os participantes preencheram uma ficha com dados biográficos, o "task and ego orientation in sport questionnaire", um questionário de clima "percieved motivacional climate in sport questionnaire-2", e medidas específicas individuais e de eficácia colectiva, relacionadas com o desporto, desenvolvidas especificamente para este estudo.
2005	Short, Sullivan & Feltz	Desenvolvimento e aferição do CEQS – questionário de eficácia colectiva no desporto		
2006	Heuzé, Raimbault & Masiero	Examinaram a relação entre eficácia colectiva e coesão, no basquetebol	Estes investigadores chegaram à conclusão de que apenas a coesão para a tarefa é que se correlacionava positivamente com a eficácia colectiva.	Os participantes preencheram o "questionnaire sur l'ambiance du groupe", e uma medida de eficácia colectiva construída para aceder às percepções da eficácia da sua equipa, a nível ofensivo, defensivo e no total
2007	Ronglan	O autor fez observação participante durante um ano, de maneira a observar quais eram os processos presentes na construção da eficácia colectiva por parte do grupo	Este estudo mostra que a produção da eficácia colectiva resulta de um processo interpessoal, o qual resulta das percepções que os jogadores tinham do jogo anterior, da interpretação da história da equipa, da preparação para o	Para além de observação participante, o autor complementou o estudo com 17 entrevistas qualitativas no final da época

			próximo desafio, de rituais comuns, e de acções persuasivas	
--	--	--	-------------------------------------------------------------	--

Tabela 1 – Evolução do estudo da variável eficácia colectiva

Como se pode constatar a eficácia colectiva é ainda uma variável muito recente no contexto de investigação, com poucos estudos ainda realizados, tendo portanto ainda uma grande margem de progressão, havendo ainda um conhecimento pouco profundo sobre a mesma. O primeiro estudo realizado tem apenas dezoito anos, e se analisarmos a tabela 1 verificamos que o questionário desenvolvido para estudar a eficácia colectiva, e o qual foi utilizado neste estudo, foi apenas construído, validado e publicado há apenas três anos. Há portanto um longo caminho a percorrer, e muito a descobrir ainda relativamente à eficácia colectiva. Contudo o seu impacto em equipas é indubitavelmente muito forte, tal como ficou mostrado em alguns dos estudos mencionados até ao momento.

O âmbito desta tese é, então, o de avançar um pouco mais a nível da investigação que concerne, tanto a cooperação, como a eficácia colectiva, uma vez que ambas as variáveis ainda têm uma longa margem de progressão ao nível da investigação.

Acredito que tanto com a cooperação, como com a eficácia colectiva, apenas ainda se descobriu o topo do iceberg, havendo, portanto, ainda muita informação, respeitante às duas variáveis, que nos é, até ao momento, totalmente desconhecida, devido à escassez de estudos a considerarem as variáveis.

Tal como ficou demonstrado pela literatura, a cooperação e a eficácia colectiva são variáveis que têm o seu raio de acção no seio de grupos, logo são variáveis relevantes na dinâmica interna dos grupos.

Pretende-se, assim, com este estudo principalmente averiguar a existência de uma possível relação entre eficácia colectiva e cooperação, já que, ambas as variáveis, e tal como foi mencionado até aqui, podem desempenhar um papel preponderante no sucesso de uma equipa, e, também, tentar descobrir mais informação sobre as variáveis, e até, quem sabe, motivar o interesse de outros investigadores para a realização de mais estudos que abordem estas duas variáveis, quer seja conjuntamente, quer seja individualmente, para que, assim, possamos ter um conhecimento muito mais profundo e concreto acerca destas duas variáveis psicológicas.

Para além de tentar fornecer uma maior consistência teórica às variáveis, pretende-se ainda com este trabalho dar uma maior aplicabilidade prática, para que assim os grupos consigam obter melhores níveis de desempenho.

## MÉTODO

### Participantes

Este estudo foi realizado tendo por base uma amostra constituída por 260 participantes, a qual se divide em termos de género sexual, habilitações, modalidade, escalão e nível.

Quanto ao género, a amostra é constituída por ambos os géneros, sendo que a percentagem de atletas masculinos é muito superior à percentagem de atletas femininas. Pode-se observar através da tabela 2 que 89,2% da amostra é constituída por participantes do sexo masculino, e que os restantes 10,8% ficam entregues às atletas femininas.

<b>Género</b>			
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida
Masculino	232	89,2	89,2
Feminino	28	10,8	10,8
Total	260	100,0	100,0

Tabela 2 – Distribuição dos participantes em termos de género

Relativamente às habilitações literárias dos atletas estas variam consoante três níveis, entre o sétimo e o nono ano, entre o décimo e o décimo segundo ano, e ensino superior. Ao analisarmos a tabela 3 verificamos que mais de metade da amostra se situa no intervalo que vai do décimo ao décimo segundo ano (53,1%), que 26,5% tem como habilitações o ensino superior, e que, por último, 20% se situa no intervalo entre o sétimo e o nono ano.

<b>Habilitações</b>				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
7º ao 9º ano	52	20,0	20,1	20,1
10º ao 12º ano	138	53,1	53,3	73,4
Universidade	69	26,5	26,6	100,0
Total	259	99,6	100,0	

Tabela 3 – Habilitações literárias dos participantes

A amostra sob estudo diverge consideravelmente em termos de modalidade, já que esta considera um leque diverso de modalidades desportivas. Contudo neste estudo só foram analisadas modalidades desportivas grupais nas quais existia contacto físico entre os atletas, não sendo, por exemplo, considerados desportos como o voleibol, já que os jogadores de ambas as equipas estão separados por uma rede, e não interagem fisicamente uns com os outros durante o decorrer do jogo.

Como se pode ver na tabela 4 mais de metade dos atletas praticam futebol (56,2%), e pode-se ver também que, à excepção do hóquei com apenas 3,1%, as outras modalidades não se distanciam muito entre elas em termos de percentagem, havendo apenas um intervalo de 5% entre a modalidade com uma percentagem mais reduzida, o futsal, e a modalidade com a maior percentagem, o rugby.

<b>Modalidade</b>				
	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Acumulada
andebol	25	9,6	9,6	9,6
basquete	30	11,5	11,5	21,2
futebol	146	56,2	56,2	77,3
futsal	19	7,3	7,3	84,6
hóquei	8	3,1	3,1	87,7
rugby	32	12,3	12,3	100,0
Total	260	100,0	100,0	

Tabela 4 – Modalidades praticadas pelos participantes

Quanto ao escalão no qual os jogadores praticam a sua modalidade, e tal como ilustra a tabela 5, neste estudo apenas foram considerados atletas do escalão júnior e sénior, sendo que mais de metade da amostra pratica a sua modalidade em escalões de competição séniores.

<b>Escalão</b>				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
júnior	85	32,7	32,7	32,7
sénior	175	67,3	67,3	100,0
Total	260	100,0	100,0	

Tabela 5 – Escalão dos participantes

Por último, relativamente ao nível este também abrange apenas duas dimensões. Se considerarmos a tabela 6, constata-se que a maior incidência da amostra recai sobre o nível nacional (53,8%), e que a restante se concentra no nível distrital.

<b>Nível</b>				
	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
nacional	140	53,8	54,1	54,1
distrital	119	45,8	45,9	100,0
Total	259	99,6	100,0	

Tabela 6 – Nível dos participantes

Através de uma análise mais aprofundada da amostra, e tal como ilustra a tabela 7, pode-se concluir que a média de idades dos participantes é de 22 anos, que, independentemente da modalidade, os atletas treinam em média quatro vezes por semana, o que se traduz em seis horas de treinos. Constata-se ainda que o número de anos que os atletas praticam a sua modalidade é de cerca de onze anos em média, e destes cerca de cinco anos foram passados no clube. Por último, pode-se observar que a média de participação em jogos ao longo da época é de dezasseis jogos.

<b>Estatística Descritiva</b>					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Idade	260	16	37	22,15	4,885
Nº de Treinos	259	1	8	3,59	,990
Nº horas de Treino	255	1,50	14,00	5,6275	2,24916
Anos Prática	259	1	30	10,81	5,347

Modalidade no Clube	258	1	25	4,62	4,054
Nº de jogos	209	1	43	16,18	8,412
N Válido	179				

Tabela 7 – Estatísticas descritivas dos participantes

## Instrumentos

### Eficácia Colectiva – *Collective Efficacy Questionnaire for Sports* (CEQS)

O Questionário de Eficácia Colectiva a ser usado será o “Questionário de Eficácia Colectiva no Desporto”, o qual foi criado inicialmente por Short, Sullivan & Feltz (2001), sendo o seu nome original “Collective Efficacy Questionnaire for Sports” (CEQS). A versão a ser utilizada foi adaptada e aferida à população portuguesa por Francisco (2005).

O questionário foi construído pelos autores acima citados tendo por base a definição de eficácia colectiva de Bandura, ou seja, que “a eficácia colectiva diz respeito a uma crença partilhada pelo grupo na sua capacidade para organizar e executar as acções necessárias para alcançar um determinado nível de performance pretendido” (Bandura 1997, cit. por, Short, Sullivan e Feltz, 2005).

Na versão original do questionário, os 20 itens que o constituem estão divididos em cinco escalas, as quais avaliam, respectivamente, cinco dimensões de eficácia colectiva. As dimensões em questão são capacidade, esforço, persistência, preparação e união.

Contudo, a versão aferida para a população portuguesa engloba mais 10 itens do que a versão original. Apesar de englobar mais 10 itens que a versão original, este questionário também se encontra dividido por cinco sub-escalas, tal como a versão original (Fernandes, 2007).

A tabela seguinte contém as cinco sub-escalas que fazem parte do questionário de eficácia colectiva, e acompanha cada uma delas por um exemplo de um item pertencente a essa sub-escala.

Sub-escalas	Exemplo
Capacidade	“jogar de forma mais competente do que o adversário”
Esforço	“demonstrar um forte empenho”
Persistência	“continuar a lutar mesmo quando a equipa não está a ter oportunidades”
Preparação	“estar preparada para o jogo”
União	“manter-se unida”

Tabela 8 – Sub-escalas do CEQS

No início do CEQS existe uma nota introdutória que se aplica a todos os itens do questionário, e que guia os participantes no preenchimento desses mesmos itens. Essa instrução é: “classifica, relativamente ao próximo jogo, o grau de confiança que tens de que a tua equipa seja capaz de...”

Este questionário é constituído por uma escala tipo Likert de 10 pontos, a qual varia entre “Nada Confiante”, representado pelo número zero, até “Extremamente Confiante”, representado pelo número 9.

A tabela 9 ilustra as cinco sub-escalas do instrumento, tanto em termos dos itens que as constituem, como ao nível da fidelidade da escala, a qual é avaliada através dos scores do *alpha de cronbach* obtidos neste estudo.

É importante desde já referir que a fidelidade corresponde à característica que permite medir, com um determinado grau de confiança, a exactidão das medidas efectuadas. É das características mais importantes da psicometria, podendo até inviabilizar a investigação, deixando de haver garantia de que estamos a medir o que é pretendido. A fidelidade permite, ainda, a replicabilidade dos estudos (Pestana & Gageiro, 2005).

De realçar que, de acordo com Hill e Hill (2002), quando se obtém um valor de *Alpha* igual ou superior a 0,7, pode-se considerar que se está a trabalhar com um bom valor de consistência interna.

<b>Sub-Escala</b>	<b>Itens</b>	<b>Alpha de Cronbach</b>
Capacidade	1,5,14,15,21,26	,910
Esforço	8,10,16,17,22,27	,922
Persistência	3,7,9,11,23,28	,928
Preparação	4,12,18,19,24,29	,919
União	2,6,13,20,25,30	,915

Tabela 9 – Itens e Alphas de Cronbach para cada sub-escala do CEQS

Como se pode observar pela análise da tabela 9, todos os valores de alpha são superiores a 0,9, podendo-se, portanto, assegurar que as sub-escalas do CEQS têm excelentes valores ao nível da consistência interna, ou seja, pode-se afirmar que o teste avalia o que é suposto avaliar.

#### Cooperação – *Questionário de Cooperação Desportiva (QCD)*

O QCD foi elaborado por García-Mas em 2006, tendo como ponto de partida a teoria desenvolvida em torno do conceito de cooperação, mas aplicada ao contexto do desporto.

No início do teste pede-se aos sujeitos, através das instruções, para assinalarem “com sinceridade, o seu grau de concordância com as frases seguintes”.

De seguida os sujeitos devem preencher os itens de acordo com uma escala Likert de cinco pontos, em que o 1 representa “nada” e o 5 representa “muito”.

O QCD é constituído por 15 itens, tanto na sua versão original, como na versão utilizada neste estudo, a qual foi adaptada por Martins (2007). No entanto ao passo que a versão original está dividida em cinco sub-escalas, as quais avaliam a cooperação condicionada; cooperação incondicionada; cooperação com os companheiros de equipa; cooperação com o treinador; e por último cooperação fora do campo, a versão aferida à população portuguesa conta apenas com três factores, cooperação condicionada, cooperação incondicionada, e cooperação com o treinador.

A tabela 10 ilustra as três sub-escalas do instrumento, na sua versão aferida, tanto em termos dos itens que as constituem, como em relação ao nível da fidelidade da escala, a qual é avaliada através dos scores do *alpha de cronbach* obtidos neste estudo.

Sub-Escala	Itens	Alpha de cronbach	Exemplo
Cooperação Condicionada	4,8,12	,518	“A minha cooperação com os meus companheiros e treinador, tanto nos jogos como nos treinos, depende da colaboração que eles me dão a mim.”
Cooperação Incondicionada	1,2,3,6,10,11,13,14,15	,759	“Eu colaboro com os meus companheiros e com o meu treinador, sejam quais forem as circunstâncias do jogo.”
Cooperação com o Treinador	5,7,9	,612	“Coopero com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente.”

Tabela 10 - Itens e Alphas de Cronbach para cada sub-escala do QCD aferido

Como se pode observar pela análise da tabela 10, o factor cooperação incondicionada tem um valor de alpha superior a 0,7, podendo-se, desde logo, afirmar que é um bom alpha e que o factor mede o que realmente é pretendido. A cooperação com o treinador tem um valor de 0,612, mas se se eliminasse o item 9 este valor subiria significativamente (anexo G). Contudo, já que este factor possui um número reduzido de itens, e também porque 0,6, segundo Hill & Hill (2002), é o valor de consistência interna a partir do qual se pode trabalhar, decidiu-se não se apagar o respectivo item. Contudo o primeiro factor, cooperação condicionada, tem um valor inferior a 0,6. Apesar disto, utilizou-se esta divisão em três factores, uma vez que esta provou ser a melhor neste estudo, e também porque a aferição do questionário para português também foi realizada com três factores.

### Delineamento

Este estudo tem um cariz correlacional, uma vez que se pretende analisar a relação entre duas variáveis.

O que caracteriza um estudo correlacional, segundo Bryman e Cramer (2001), é o facto do investigador não poder manipular qualquer uma das variáveis em estudo. Logo, devido a esta condição, não é possível ao investigador estabelecer qualquer tipo de conclusão acerca de uma eventual relação causa-efeito entre as variáveis. Este pode somente afirmar

a existência, ou ausência, de uma relação entre as variáveis, mas não pode estabelecer uma relação causa-efeito entre elas.

### **Procedimento**

O presente estudo encontra-se inserido numa linha de investigação conjunta, entre o Instituto Superior de Psicologia Aplicada, representado pelo Professor Pedro Almeida, e a Universidade das Ilhas Baleares em Espanha, representada pelo Professor Alexandre García-Mas.

Os dados para este trabalho foram todos recolhidos de igual forma. Após a deslocação ao clube, e após uma descrição pormenorizada tanto do estudo, como dos instrumentos, ao treinador, era pedido a este último que entregasse os questionários aos seus atletas.

Os atletas levavam, então, os questionários para casa para os preencherem, e assim que estivessem concluídos, entregavam-nos ao treinador, o qual os reunia a todos para depois ser possível ir buscá-los ao clube.

Optou-se por este método, uma vez que se verificou, ainda antes da aplicação, que o tempo médio de preenchimento do conjunto dos testes era de, aproximadamente, 30 minutos.

## RESULTADOS

Tal como foi mencionado até ao presente momento nesta tese, o objectivo que preside este trabalho, é o de averiguar a existência de uma correlação entre as variáveis cooperação e eficácia colectiva no contexto desportivo. Assim, serão apresentados neste capítulo os resultados obtidos no âmbito desta investigação.

Este capítulo incidirá primeiramente sobre a análise à normalidade da distribuição, passando-se de seguida à análise da estatística descritiva, e por último abordar-se-á o estudo da premissa que encabeça este trabalho.

### Análise à Normalidade

Pretende-se nesta fase proceder-se ao estudo da normalidade da variável, para se poder assim determinar se as análises estatísticas levadas a cabo neste trabalho, serão feitas através de recurso a um teste paramétrico, ou, ao invés, por um teste não-paramétrico.

Efectuou-se o teste Kolmogorov-Smirnov para avaliar a normalidade da variável, já que este “serve para analisar o ajustamento ou aderência à normalidade da distribuição de uma variável de nível ordinal ou superior” (Pestana e Gageiro, 2005). Através do teste de Kolmogorov-Smirnov, não se assume a normalidade da distribuição para nenhum dos factores do QCD, já que os níveis de significância K-S são inferiores a 0,05, que é o valor de alpha (Condicionada =  $0,003 < 0,05$ ; Incondicionada =  $0,000 < 0,05$ ; Treinador =  $0,000 < 0,05$ ) (ANEXO H).

Também no caso do questionário de eficácia colectiva não se assume a normalidade da distribuição, uma vez que os níveis de significância K-S são inferiores ao alpha com uma probabilidade de erro de 5% para todos os factores (Capacidade =  $0,000 < 0,05$ ; Esforço =  $0,000 < 0,05$ ; Persistência =  $0,000 < 0,05$ ; Preparação =  $0,001 < 0,05$ ; União =  $0,000 < 0,05$ ) (ANEXO H). Visto que através da realização do teste Kolmogorov-Smirnov se obteve que a distribuição da amostra não segue a normalidade, não se efectuou o teste de Levene para testar a homogeneidade de variâncias, uma vez que o primeiro pressuposto não se verifica.

É importante afirmar que uma vez que a amostra não segue uma distribuição normal, terão que ser utilizados testes não-paramétricos.

### Estatística Descritiva

Nesta fase vai-se primeiro tentar averiguar se existem diferenças ao nível da cooperação consoante o tipo de habilitações, género sexual, nível de participação e escalão dos atletas constituintes da amostra. Posteriormente, irá examinar-se a existência de uma possível relação entre os factores do QCD e os factores que compõem o CEQS.

A tabela seguinte descreve a amostra em termos dos scores máximos e mínimos obtidos através da soma dos valores das respostas aos itens relativos a cada um dos factores, bem como a média e o desvio-padrão.

<b>Sub-escalas</b>	<b>Total sujeitos</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Condicionada	260	10,5833	2,47117	3	15
Incondicionada	260	39,6534	3,84660	22	45
Treinador	260	12,6532	1,85523	5	15

Tabela 11 – análise descritiva da amostra

A tabela 12 avalia se as habilitações literárias dos atletas estão de alguma forma relacionadas com a inclinação que estes têm para cooperar, e o tipo de cooperação que estes manifestam. Para se estudar esta premissa foi utilizado o teste Kruskal-Wallis, já que este “é um teste não-paramétrico aplicado a variáveis pelo menos ordinais” (Pestana e Gageiro, pp. 455), e já que a amostra presente neste estudo não segue uma distribuição normal, não se pode utilizar um teste paramétrico, que seria neste caso o teste ANOVA *one-way*. Contudo, segundo Maroco (2007), “o teste de Kruskal-Wallis pode ser considerado como a alternativa não paramétrica à ANOVA *one-way*”.

Como se pode observar, na tabela abaixo, existem diferenças ao nível da cooperação condicionada consoante o nível literário dos participantes, já que o valor de  $p$  é inferior ao valor de  $\alpha$  ( $0,009 < 0,05$ ). Logo, e através da análise da tabela 13, podemos afirmar que os atletas entre o sétimo e o nono ano de escolaridade cooperam de forma mais condicionada que os restantes atletas, uma vez que estes evidenciam um valor mais elevado de média.

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Chi-Square	9,428	,307	3,146
Df	2	2	2
Asymp. Sig.	,009	,858	,207

Tabela 12 – Kruskal-Wallis dos factores de cooperação quanto às habilitações

Habilitações	Total participantes	Média
Condicionada – 7 <sup>o</sup> -9 <sup>o</sup> ano	52	157,57
– 10 <sup>o</sup> -12 <sup>o</sup> ano	138	125,61
– Universidade	69	118,01
Incondicionada – 7 <sup>o</sup> -9 <sup>o</sup> ano	52	133,31
– 10 <sup>o</sup> -12 <sup>o</sup> ano	138	127,62
– Universidade	69	132,28
Treinador – 7 <sup>o</sup> -9 <sup>o</sup> ano	52	130,57
– 10 <sup>o</sup> -12 <sup>o</sup> ano	138	123,43
– Universidade	69	142,71

Tabela 13 – Diferenças ao nível da cooperação consoante as habilitações

Em seguida foi-se averiguar se existem diferenças em termos de cooperação quando se tem em conta o género sexual dos participantes. Visto que como a amostra não segue uma distribuição normal não se pode usar um teste paramétrico para levar a cabo esta análise, e como se está a tentar averiguar a existência de diferenças entre duas populações independentes, terá que ser utilizado o teste não-paramétrico Mann-Whitney. Segundo Pestana e Gageiro (2005), deve-se usar o teste de Mann-Whitney, como alternativa do teste paramétrico  $t$ , sempre que houverem violações à normalidade, quando as amostras forem pequenas, ou, por último, quando as variáveis forem no mínimo ordinais.

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	2588,000	3131,000	2921,500
Wilcoxon W	2994,000	30159,000	29949,500
Z	-1,769	-,313	-,882
Asymp. Sig. (2-tailed)	,077	,755	,378

Tabela 14 – Mann-Whitney dos factores de cooperação quanto ao género

Género	Total participantes	Ordem das Médias
Condicionada – Masculino	232	133,34
– Feminino	28	106,93
Incondicionada – Masculino	232	130
– Feminino	28	134,68
Treinador – Masculino	232	129,09
– Feminino	28	142,16

Tabela 15 - Diferenças ao nível da cooperação consoante o género

Como se pode constatar não existem diferenças significativas em relação ao nível de cooperação dos atletas consoante o género sexual dos mesmos, já que o p-value é sempre superior ao valor de alpha para um nível de confiança de 95%.

Também no que diz respeito ao nível no qual os atletas actuam, e se este determina a cooperação manifestada pelos atletas, não existem diferenças significativas. Ou seja, e como ilustram as tabelas 16 e 17, a cooperação não difere significativamente, independentemente de os atletas jogarem num escalão distrital ou nacional, já que o p-value é sempre superior ao alpha para um nível de confiança de 95%. Para se efectuar esta análise recorreu-se ao teste Kruskal-Wallis, pelas razões já referidas anteriormente.

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Chi-Square	,468	1,446	,000
Df	1	1	1
Asymp. Sig.	,494	,229	,988

Tabela 16 – Kruskal-Wallis dos factores de cooperação quanto ao nível

Nível	Total participantes	Média
Condicionada – Nacional	140	127,09
– Distrital	119	133,43
Incondicionada – Nacional	140	124,86
– Distrital	119	136,05
Treinador – Nacional	140	130,06
– Distrital	119	129,92

Tabela 17 - diferenças ao nível da cooperação consoante o nível

Por último considerou-se também o escalão em que os atletas actuam, e tentou-se verificar se este também se relacionava com os três factores de cooperação. Para averiguar esta premissa utilizou-se o teste de Mann-Whitney, pelas razões já mencionadas anteriormente.

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	5890,500	7027,500	6170,000
Wilcoxon W	21290,500	22427,500	9825,000
Z	-2,741	-,724	-2,263
Asymp. Sig. (2-tailed)	<b>,006</b>	,469	<b>,024</b>

Tabela 18 – Mann-Whitney dos factores de cooperação quanto o escalão

<b>Escalão</b>	<b>Total participantes</b>	<b>Ordem das Médias</b>
Condicionada – Júnior	85	<b>148,70</b>
– Sénior	175	121,66
Incondicionada – Júnior	85	135,32
– Sénior	175	128,16
Treinador – Júnior	85	115,59
– Sénior	175	<b>137,74</b>

Tabela 19 - diferenças ao nível da cooperação consoante o escalão

Como podemos observar na tabela 18, existem diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito tanto à cooperação condicionada, como à cooperação com o treinador, já que o p-value é inferior ao alpha ( $U=5890,500$ ;  $p<0,05$  e  $U=6170,000$ ;  $p<0,05$ ). Portanto, no tocante à cooperação condicionada verifica-se que o escalão júnior coopera mais, já que tem uma média mais elevada. Já no que diz respeito ao treinador é o contrário, é o escalão sénior que coopera mais, tal como evidenciam os valores da média.

Depois de analisadas as diferenças relativas ao nível de cooperação quando comparados os diferentes tipos de dados biográficos da amostra, examinar-se-á agora a relação existente entre os factores que fazem parte do questionário de eficácia colectiva e o tipo de cooperação evidenciada.

No entanto, no caso do teste de eficácia colectiva, os cinco factores que o constituem foram divididos em dois grupos, o de elevado e o de baixo valor. Para esta divisão teve-se em consideração a mediana obtida pelos atletas para cada um dos factores. Assim, todos os atletas com valores superiores à mediana encontram-se no grupo de alto, e os atletas com valores inferiores à mediana encontram-se no grupo de baixo. Logo, por exemplo, o grupo de elevada capacidade será composto pelos atletas que têm um valor de capacidade superior ou igual à mediana, já no caso do grupo de baixa capacidade, o procedimento é o inverso.

Esta análise foi realizada para se estudar se existiam diferenças ao nível da cooperação, tendo em conta os grupos serem de alto ou de baixo valor. Ou seja, foi-se avaliar, por exemplo, se os atletas com baixa capacidade cooperavam menos com o treinador, do que o grupo com maior capacidade.

É importante realçar que para se averiguar a existência de diferenças entre os grupos se utilizou mais uma vez o teste Mann-Whitney, pelas razões já anteriormente explicitadas.

## Capacidade

Para este factor o valor da mediana a partir do qual se elaborou a divisão dos dois grupos é de 46 (ANEXO L). Como se pode constatar através da tabela seguinte, para todos os factores de cooperação, ou seja, cooperação condicionada, cooperação incondicionada, e cooperação com o treinador, existem diferenças estatisticamente significativas, para um nível de confiança de 95% ( $U=6854,000$ ,  $p<0,05$ ;  $U=5128,000$ ,  $p<0,05$ ;  $U=6782,500$ ,  $p<0,05$ ). Logo, pode-se concluir através da análise das médias presentes na tabela 21, que os grupos de alta capacidade, porque evidenciam uma média superior, cooperam mais condicionadamente, incondicionadamente, e com o treinador, do que os grupos de baixa capacidade.

	<b>Condicionada</b>	<b>Incondicionada</b>	<b>Treinador</b>
Mann-Whitney U	6854,000	5128,000	6782,500
Wilcoxon W	15369,000	13643,000	15297,500
Z	-2,653	-5,554	-2,793
Asymp. Sig. (2-tailed)	<b>,008</b>	<b>,000</b>	<b>,005</b>

Tabela 20 – Mann-Whitney para grupos de alta e baixa capacidade

<b>Cooperação</b>	<b>Grupos</b>	<b>Total de Participantes</b>	<b>Ordem das Médias</b>
<b>Condicionada</b>	Grupo alta capacidade	130	<b>142,78</b>
	Grupo baixa capacidade	130	118,22
	Total	260	
<b>Incondicionada</b>	Grupo alta capacidade	130	<b>156,05</b>
	Grupo baixa capacidade	130	104,95
	Total	260	
<b>Treinador</b>	Grupo alta capacidade	130	<b>143,33</b>
	Grupo baixa capacidade	130	117,67
	Total	260	

Tabela 21 – Grupos de alta e baixa capacidade

## Esforço

Para este factor o valor da mediana a partir do qual se elaborou a divisão dos dois grupos é de 47 (ANEXO L). Existem diferenças estatisticamente significativas, como sugere a tabela 22, para um nível de confiança de 95% ( $U=6378,500$ ,  $p<0,05$ ;  $U=4872,000$ ,  $p<0,05$ ;  $U=6907,500$ ,  $p<0,05$ ). Portanto, pode-se afirmar, através da tabela 23, que os grupos de alto esforço cooperam de forma mais condicionada, incondicionada, e também com o treinador, do que os grupos de baixo esforço.

	<b>Condicionada</b>	<b>Incondicionada</b>	<b>Treinador</b>
Mann-Whitney U	6378,500	4827,000	6907,500
Wilcoxon W	12264,500	10713,000	12793,500
Z	-3,085	-5,681	-2,210
Asymp. Sig. (2-tailed)	<b>0,002</b>	<b>0,000</b>	<b>0,027</b>

Tabela 22 - Mann-Whitney para grupos de alto e baixo esforço

<b>Cooperação</b>	<b>Grupos</b>	<b>Total de Participantes</b>	<b>Ordem das Médias</b>
<b>Condicionada</b>	Grupo alto esforço	152	<b>142,540</b>
	Grupo baixo esforço	108	113,560
	Total	260	
<b>Incondicionada</b>	Grupo alto esforço	152	<b>152,740</b>
	Grupo baixo esforço	108	99,190
	Total	260	
<b>Treinador</b>	Grupo alto esforço	152	<b>139,060</b>
	Grupo baixo esforço	108	118,460
	Total	260	

Tabela 23 – Grupos de alto e baixo esforço

### Persistência

Para este factor o valor da mediana a partir do qual se elaborou a divisão dos dois grupos é de 46 (ANEXO L). Verifica-se a existência de diferenças significativas para um nível de confiança de 95%, tal como mostra a tabela 24, já que o p-value é inferior ao valor de alpha ( $U=6721,500$ ,  $p<0,05$ ;  $U=3820,000$ ,  $p<0,05$ ;  $U=5425,500$ ,  $p<0,05$ ). Pode-se assim dizer que os grupos de alta persistência cooperam mais condicionadamente, incondicionadamente, e com o treinador, do que os grupos de baixa persistência.

	<b>Condicionada</b>	<b>Incondicionada</b>	<b>Treinador</b>
Mann-Whitney U	6721,500	3820,000	5425,500
Wilcoxon W	13162,500	10261,000	11866,500
Z	-2,575	-7,438	-4,796
Asymp. Sig. (2-tailed)	<b>,010</b>	<b>,000</b>	<b>,000</b>

Tabela 24 – Mann-Whitney para grupos de alta e baixa persistência

Cooperação	Grupos	Total de Participantes	Ordem das Médias
<b>Condicionada</b>	Grupo alta persistência	146	<b>140,46</b>
	Grupo baixa persistência	113	116,48
	Total	259	
<b>Incondicionada</b>	Grupo alta persistência	146	<b>160,34</b>
	Grupo baixa persistência	113	90,81
	Total	259	
<b>Treinador</b>	Grupo alta persistência	146	<b>149,34</b>
	Grupo baixa persistência	113	105,01
	Total	259	

Tabela 25 – Grupos de alta e baixa persistência

## Preparação

Para este factor o valor da mediana a partir do qual se elaborou a divisão dos dois grupos é de 46 (ANEXO L). Mais uma vez verifica-se a existência de diferenças significativas entre os dois grupos, para um nível de confiança de 95%, pois o valor do p-value é inferior ao valor de alpha ( $U=6102,500$ ,  $p<0,05$ ;  $U=4299,500$ ,  $p<0,05$ ;  $U=6455,500$ ,  $p<0,05$ ). Através da análise das médias presentes na tabela 27, conclui-se que os grupos de alta preparação cooperam mais de forma condicionada, incondicionada, e com o treinador, do que os grupos de baixa preparação.

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	6102,500	4299,500	6455,000
Wilcoxon W	13605,500	11802,500	13958,000
Z	-3,775	-6,770	-3,210
Asymp. Sig. (2-tailed)	<b>,000</b>	<b>,000</b>	<b>,001</b>

Tabela 26 – Mann-Whitney para grupos de alta e baixa preparação

Cooperação	Grupos	Total de participantes	Ordem das Médias
<b>Condicionada</b>	Grupo alta preparação	137	<b>146,46</b>
	Grupo baixa preparação	122	111,52
	Total	259	
<b>Incondicionada</b>	Grupo alta preparação	137	<b>159,62</b>
	Grupo baixa preparação	122	96,74
	Total	259	
<b>Treinador</b>	Grupo alta preparação	137	<b>143,88</b>
	Grupo baixa preparação	122	114,41
	Total	259	

Tabela 27 – Grupos de alta e baixa preparação

## União

Para este factor o valor da mediana a partir do qual se elaborou a divisão dos dois grupos é de 46 (ANEXO L). Neste último factor também existem diferenças estatisticamente significativas, para um nível de confiança de 95%. O valor do p-value é mais uma vez inferior a alpha como demonstra a tabela 28 (U=6198,500,  $p<0,05$ ; U=4435,500,  $p<0,05$ ; U=6413,500,  $p<0,05$ ). Pode-se então concluir que os grupos de alta união cooperam mais a todos os níveis do que os grupos de baixa união.

	<b>Condicionada</b>	<b>Incondicionada</b>	<b>Treinador</b>
Mann-Whitney U	6198,500	4435,500	6413,500
Wilcoxon W	13101,500	11338,500	13316,500
Z	-3,541	-6,479	-3,205
Asymp. Sig. (2-tailed)	<b>,000</b>	<b>,000</b>	<b>,001</b>

Tabela 28 – Mann-Whitney para grupos de alta e baixa união

<b>Cooperação</b>	<b>Grupos</b>	<b>Total de Participantes</b>	<b>Ordem das Médias</b>
<b>Condicionada</b>	Grupo alta união	142	<b>144,85</b>
	Grupo baixa união	117	111,98
	Total	259	
<b>Incondicionada</b>	Grupo alta união	142	<b>157,26</b>
	Grupo baixa união	117	96,91
	Total	259	
<b>Treinador</b>	Grupo alta união	142	<b>143,33</b>
	Grupo baixa união	117	113,82
	Total	259	

Tabela 29 – Grupos de alta e baixa união

### Estudo da Relação entre Cooperação e Eficácia Colectiva

O objectivo central desta tese de mestrado é, e tal como já foi mencionado várias vezes, o de averiguar a existência de uma associação entre cooperação e eficácia colectiva. Para tal, terá que se recorrer a uma medida de associação para se poder analisar esta premissa.

As medidas de associação, também conhecidas como coeficientes de correlação, servem para quantificar a intensidade e a direcção da associação que se estabelece entre duas variáveis.

Uma vez que o pressuposto da normalidade não se verifica, terá que se usar uma alternativa não-paramétrica. Segundo Pestana e Gageiro (2005), o teste adequado para se usar quando se viola o pressuposto da normalidade é o coeficiente de correlação de Spearman. O coeficiente de correlação de Spearman é descrito por Maroco (2007) como sendo “uma medida de associação não-paramétrica entre duas variáveis pelos menos ordinais”.

			Condicionada	Incondicionada	Treinador
Spearman rho	Capacidade	Coeficiente de Correlação	,195(*)	,403(*)	,222(*)
		Sig. (2-tailed)	<b>,002</b>	<b>,000</b>	<b>,000</b>
	Esforço	Coeficiente de Correlação	,208(*)	,489(*)	,254(*)
		Sig. (2-tailed)	<b>,001</b>	<b>,000</b>	<b>,000</b>
	Persistência	Coeficiente de Correlação	,186(*)	,559(*)	,356(*)
		Sig. (2-tailed)	<b>,003</b>	<b>,000</b>	<b>,000</b>
	Preparação	Coeficiente de Correlação	,170(*)	,467(*)	,241(*)
		Sig. (2-tailed)	<b>,006</b>	<b>,000</b>	<b>,000</b>
	União	Coeficiente de Correlação	,237(*)	,509(*)	,261(*)
		Sig. (2-tailed)	<b>,000</b>	<b>,000</b>	<b>,000</b>

\*p <0,01

Tabela 30 – Correlação entre cooperação e eficácia colectiva

Como se pode observar na tabela 30, para um nível de significância de 99%, pode-se afirmar que todos os factores do CEQ se correlacionam positivamente com todos os factores do QCD. Se se atentar a tabela verificar-se-á que todos os p-values são inferiores ao valor de alpha com uma probabilidade de erro de 1%, e que todos os coeficientes de correlação de Spearman são de ordem positiva, logo as correlações que se estabelecem

entre os factores do teste de cooperação e os factores do teste de eficácia colectiva, são todas positivas, quer isto dizer que, quando um factor aumenta, o outro aumenta também. Pode-se então afirmar que os dois constructos se correlacionam entre si.

Analisou-se ainda se existiria uma possível correlação entre idade, número de treinos dos atletas, número de horas de treino, tempo de prática da modalidade, tempo de prática da modalidade no clube, número de jogos participados e rendimento dos jogadores, e os diferentes factores pertencentes à cooperação.

Ou seja, foi-se tentar estudar se os jogadores, por exemplo, que participavam em mais jogos, cooperavam mais que os jogadores que participavam em menos jogos. Para estabelecer esta correlação recorreu-se mais uma vez ao coeficiente de correlação de Spearman.

			Condicionada	Incondicionada	Treinador
Spearman rho	Idade	Coeficiente de correlação	-,257(*)	,016	,167(*)
		Sig. (2-tailed)	<b>,000</b>	,792	<b>,007</b>
	Nº Treinos	Coeficiente de correlação	,031	,107	,032
		Sig. (2-tailed)	,625	,085	,606
	Nº Horas	Coeficiente de correlação	-,014	,014	,033
		Sig. (2-tailed)	,824	,829	,603
	Anos prática	Coeficiente de correlação	-,070	,077	,112
		Sig. (2-tailed)	,259	,215	,071
	Modalidade (Clube)	Coeficiente de correlação	,055	,006	-,002
		Sig. (2-tailed)	,378	,927	,974
	Nº Jogos	Coeficiente de correlação	,094	,165(*)	,118
		Sig. (2-tailed)	,178	<b>,017</b>	,089
	Rendimento	Coeficiente de correlação	,057	,135(*)	,015
		Sig. (2-tailed)	,404	<b>,047</b>	,831

\*p <0,05

Tabela 31 – Correlação entre cooperação e dados demográficos

Como se pode constatar através da análise da tabela 31, para um nível de significância de 95%, a idade dos atletas correlaciona-se negativamente com a cooperação condicionada, ou seja, quando uma aumenta a outra diminui ( $r_s = -0,257$ ,  $p < 0,05$ ). Temos, assim, que os atletas mais velhos cooperam de forma menos condicionada, ao passo que os mais novos

cooperam mais de forma condicionada. A idade correlaciona-se ainda com a cooperação com o treinador, sendo, no entanto, desta vez uma correlação positiva ( $r_s = 0,167$ ,  $p < 0,05$ ). Isto é, quando a idade aumenta, aumenta também a cooperação que é estabelecida com o treinador.

Outra variável que se correlaciona com a cooperação é o número de jogos nos quais o atleta participou. Estes correlacionam-se positivamente com a cooperação incondicionada, ou seja, em quantos mais jogos o atleta participa, mais incondicionadamente ele coopera ( $r_s = 0,165$ ,  $p < 0,05$ ).

Por último verifica-se ainda uma correlação positiva entre o rendimento dos atletas e a cooperação incondicionada, ou seja, quanto melhor for o rendimento dos atletas, mais incondicionadamente cooperarão ( $r_s = 0,135$ ,  $p < 0,05$ ).

Em suma, e após a análise dos dados estatísticos, pode-se afirmar a existência de uma relação entre cooperação e eficácia colectiva, para a amostra em estudo.

Parece também haver uma tendência nesta amostra para o tipo de cooperação manifestada pelos atletas se relacionar com a idade, com o número de jogos nos quais os atletas participam, e ainda com o rendimento percebido pelos próprios indivíduos.

Também as habilitações literárias dos atletas, e o escalão no qual praticam a sua actividade, parecem estar relacionadas com o tipo de cooperação evidenciada.

Por sua vez, o género dos participantes e o nível em que participam não parece ter qualquer tipo de ligação com a predisposição dos atletas para cooperarem.

Por último, também se constatou que nesta amostra os atletas que evidenciam valor mais elevados de capacidade, esforço, preparação, persistência e união, cooperam mais condicionalmente, incondicionalmente, e com o treinador, do que os atletas pertencentes aos grupos de baixo valor.

## DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nesta última fase deste trabalho serão analisados os resultados obtidos, confrontando-os perante a base teórica anteriormente abordada, para que assim se possam tirar ilações pertinentes tendo em conta o objectivo de investigação que serve como directriz deste trabalho.

Como já foi por diversas vezes referido até ao momento, mas que nunca é de mais ressaltar, o que se pretendia com esta tese era averiguar a existência de uma correlação entre Cooperação e Eficácia Colectiva.

Portanto, com esta ideia em mente, e depois de verificada a inexistência de uma normalidade da distribuição, foi-se averiguar se os dois constructos possuíam realmente uma relação entre eles. Para tal usou-se o coeficiente de correlação de Spearman, o qual provou que existe, neste estudo e para esta amostra, uma correlação positiva entre os dois constructos.

Apesar de não ser de todo possível apoiar-se este resultado como estando em concordância com estudos anteriormente realizados com as mesmas variáveis, devido ao carácter inovador e único deste estudo, pode-se, no entanto, afirmar que os resultados obtidos vão de encontro ao esperado, e ao que a literatura já previa, tal como ficou mostrado na revisão da literatura feita.

Garcia-Mas e Bauzá (1994) afirmam que a coesão grupal e a cooperação “são dois processos distintos mas que têm pontos em comum”. Esta era uma das premissas que oferecia um certo grau de confiança de que as duas variáveis, cooperação e eficácia colectiva, pudessem estar relacionadas entre si, uma vez que diversos estudos realizados até à data provaram a existência de uma relação entre coesão e eficácia colectiva, como é o caso dos estudos feitos por Paskevich (1995, cit. por Feltz & Lirgg, 2001), Heuzé, Raimbault e Fontayne (2006), e também Kozub e colaboradores (2000). Logo, por cooperação e coesão terem pontos em comum, como afirma Garcia-Mas, supôs-se que pudesse assim existir uma relação entre cooperação e eficácia colectiva, já que uma relação existe entre coesão e eficácia colectiva. Também é importante lembrar que a eficácia colectiva é uma crença partilhada pela equipa nas capacidades desta para atingir um determinado nível de desempenho. Ora os atletas para elaborarem estas crenças têm em consideração a interacção e a interdependência que se estabelece entre todos os elementos da equipa.

Para além da interacção e da interdependência, Zaccaro et. al, (1995, cit. por Feltz & Chase, 1998) afirmam que “a eficácia colectiva não diz apenas respeito ao quão bem os membros do grupo usam os seus atributos individuais, mas também, ao quão bem estes atributos individuais de todos os membros, são coordenados e combinados entre si”. Ou seja, estes investigadores alertam aqui para a importância que a cooperação desempenha, para que os atletas formulem as suas crenças de eficácia colectiva. Logo, não é de todo surpreendente a existência de uma relação entre as duas variáveis.

Analizou-se também a existência de uma relação entre as variáveis demográficas, e o tipo de cooperação que os atletas manifestam. Obteve-se uma correlação negativa entre idade e cooperação condicionada. Tem-se assim que os atletas mais velhos manifestam uma tendência para cooperar de forma menos condicionada do que os mais novos. Por sua vez a idade também se correlaciona com a cooperação com o treinador, mas desta vez positivamente, isto é quanto mais velhos são os atletas mais tendência têm para cooperarem com o treinador. Seria pertinente num próximo estudo analisar-se, por exemplo, se estes atletas mais velhos por terem mais anos de carreira, e terem mais experiência, com a evolução da sua carreira darão mais valor ao grupo como um todo, por se aperceberem que assim obtêm melhores resultados. Todavia, parece que há uma tendência para os atletas com o passar dos anos se preocuparem mais com o desempenho da equipa e menos com o seu, ou seja quase parece que demonstram um sentimento de responsabilidade maior pela equipa, trabalhando até com o treinador para arranjar soluções. Seria interessante as próximas investigações considerarem este aspecto.

O número de jogos participados é outra variável que se correlaciona positivamente com a cooperação, mais concretamente com a cooperação incondicionada. Futuras investigações poderiam averiguar se, por participarem em mais jogos, os atletas percebem que o treinador acredita que eles são influentes para a equipa, e por isso dão tudo o que têm, cooperando de livre vontade.

Para além do número de jogos, o rendimento percebido pelos atletas também se correlaciona positivamente com a cooperação incondicionada. Será que os atletas por acharem que têm uma boa performance se sentem mais estimulados a cooperar voluntariamente com a equipa, em prol de um objectivo comum? Esta questão podia vir a ser abordada num próximo estudo, por forma a fornecer mais informação sobre o assunto, para se poderem tirar conclusões concretas sobre a temática.

Seria de todo interessante analisar-se em futuros trabalhos o impacto das variáveis demográficas na cooperação, mesmo as variáveis que neste estudo não se correlacionaram com a cooperação, para que assim se possam tirar ilações concretas e fidedignas, e se possa, ainda, generalizar os dados obtidos, algo que neste momento não é possível fazer.

No que diz respeito à estatística descritiva, esta foi realizada com o intuito de averiguar também a existência de uma relação entre as variáveis biográficas e o tipo de cooperação. Primeiramente consideraram-se as habilitações literárias da amostra e o seu impacto na cooperação. De facto, para esta amostra, existem diferenças significativas ao nível das habilitações literárias para a cooperação condicionada. Verifica-se, então, que os atletas com menos habilitações literárias tendem a cooperar mais condicionalmente do que os atletas com habilitações literárias superiores ao nível de escolaridade obrigatória. Contudo, pouco mais se pode fazer do que constatar este facto enquanto não houverem mais investigações acerca de cooperação que considerem estes aspectos, para que assim se possa estabelecer uma relação, e perceber porque é que, de facto, isto acontece.

De seguida considerou-se o género sexual dos participantes, e também o nível em que participam. Contudo, tanto num caso como noutro não existem diferenças significativas. Ou seja, nesta amostra, os homens cooperam de igual forma que as mulheres, assim como os atletas que praticam a sua modalidade no escalão nacional também cooperam de igual forma com os que praticam no escalão distrital. Isto é, a cooperação parece surgir nestes dois casos, e para esta amostra, como uma medida independente do contexto, aplicando-se independentemente do género ou do nível dos atletas.

Por último analisou-se se o escalão dos jogadores poderia ter alguma ligação com a cooperação. Na realidade isto verifica-se, contudo apenas para a cooperação condicionada e para a cooperação com o treinador. No entanto, ao passo que para a cooperação condicionada, nesta amostra, há uma apetência para esta ser mais manifestada por atletas de escalão júnior, no caso da cooperação com o treinador o escalão que a evidencia mais, é o escalão sénior. Mais uma vez não é possível estabelecer qualquer generalização com base apenas neste estudo, contudo parece haver uma tendência para diferentes tipos de cooperação consoante a idade do sujeito em causa, já que, e tal como vimos anteriormente com a idade, os atletas mais novos também cooperavam mais condicionalmente e os mais velhos mais com o treinador.

Outra das análises efectuadas nesta tese tinha por objectivo averiguar se existiam diferenças significativas relativamente ao tipo de cooperação, para atletas com alto e baixo valores de capacidade, esforço, persistência, preparação e união. Como já foi mencionado anteriormente estes são os cinco factores que constituem o questionário de eficácia colectiva.

Para estas cinco variáveis de eficácia colectiva consideradas, existem nesta amostra sempre diferenças significativas relativamente à cooperação, independentemente desta ser condicionada, incondicionada e com o treinador. O que significa que, neste estudo, os grupos de valor mais alto cooperam sempre mais do que os grupos de valor mais baixo, independentemente do tipo de cooperação.

Quando efectuam as crenças de eficácia colectiva os atletas têm que ter em consideração tanto as suas capacidades como as dos restantes membros, e a sua crença reflecte a interacção que ele julga que pode resultar das suas capacidades com as dos restantes atletas. Ora constata-se então que a interdependência e a interacção são premissas fundamentais para a criação de uma crença de eficácia colectiva. Não é assim de estranhar que nesta amostra todos os atletas que manifestam níveis mais elevados de Capacidade, Esforço, Persistência, Preparação e União, tenham diferenças estatisticamente significativas no tocante à cooperação, em relação aos grupos de valor mais reduzido.

Se se pensar que a eficácia colectiva é uma crença partilhada pelos atletas na capacidade da sua equipa como um todo, não é de todo surpreendente que estes cinco factores se correlacionem com cooperação. Uma vez que para estabelecer uma crença de eficácia colectiva os atletas têm em consideração os fenómenos grupais que têm presença na sua equipa, não é será de espantar que os atletas que manifestam níveis mais elevados de eficácia colectiva, manifestem também maior nível de cooperação, independentemente desta ser condicionada, incondicionada, ou com o treinador.

Apesar de este ter sido o primeiro estudo realizado a considerar estas duas variáveis, forneceu diversas pistas merecedoras de serem consideradas em trabalhos futuros. Só através de próximos aprofundamentos do tema se poderá confirmar ou infirmar as tendências reveladas nesta tese, e, assim, ter um conhecimento mais concreto e lato sobre alguns dos dados obtidos neste trabalho.

Contudo, o carácter de novidade da tese, apesar de ser bom porque promove novas investigações, tem também os seus males. De facto, devido à pouca existência de

literatura, e às também escassas investigações efectuadas com as duas variáveis mesmo separadamente, torna-se muito mais difícil enquadrar teoricamente os resultados, e, principalmente, poder afirmar sem qualquer margem de dúvidas que os dados obtidos neste trabalho são reais. Ou seja, com estes dados apenas se podem manifestar tendências para relações entre determinadas variáveis, não sendo possível generalizar para a população.

Outra das limitações desta tese centra-se ao nível da parte estatística, mais concretamente referente à regressão linear. Foi totalmente impossível realizar uma regressão linear neste trabalho devido à amostra participante. Seria importante em investigações vindouras averiguar-se a possibilidade de realizar uma regressão linear, e se possível, realizá-la para assim se tirarem mais conclusões.

Outra limitação deste trabalho poderá centrar-se no seu carácter multi-desportivo. Ou seja, devido ao facto de se terem considerado vários desportos pode-se, de alguma forma, ter condicionado os resultados obtidos. É possível que a cooperação seja diferentemente manifestada consoante os desportos praticados. Não seria de estranhar se devido mesmo às próprias inerências de um desporto, o nível de cooperação fosse diferente. Por exemplo, quando comparados um com o outro, poderá ser possível que o râguebi seja diferente do andebol em termos do tipo de cooperação manifestada. Não seria de descartar, por exemplo, a realização de estudos longitudinais no futuro com diferentes equipas de diferentes modalidades para ver se estas diferiam em termos de cooperação.

Seria também importante, tendo em conta os resultados obtidos neste trabalho, estudar-se futuramente e mais aprofundadamente a relação entre cooperação e a idade dos atletas, já que esta poderá influenciar o tipo de cooperação revelada. Poderia até ser interessante juntar aos escalões usados neste trabalho – júnior e sénior –, o escalão juvenil, para assim se ter uma noção mais concreta acerca de uma possível evolução da cooperação com o passar dos anos.

As habilitações literárias é outra variável merecedora de atenção, já que também se relaciona com a cooperação. As habilitações literárias poderão, de início, estar relacionadas com a idade dos atletas. Contudo, com o passar dos anos há atletas que deixam de estudar, e será nesses casos que se torna mais interessante o estudo das habilitações literárias, já que a partir daí a relação já não está tão dependente da idade do atleta.

Tal como foi referido anteriormente, seria também útil analisar-se em futuros trabalhos o impacto das variáveis demográficas na cooperação dos atletas, englobando até as variáveis que neste estudo não se correlacionaram com a cooperação.

Em suma, é importante o desenvolvimento de mais estudos que considerem estas variáveis, para que se possa conhecer um pouco mais sobre elas. Seria importante também a realização de diferentes tipos de abordagens em estudos próximos, podendo estes ter um carácter longitudinal, por exemplo, ou completar a informação recolhida pelos questionários através de observação e até mesmo entrevistas aos atletas e treinador(es). Assim poder-se-ia ter um conhecimento mais concreto sobre o impacto que ambas as variáveis têm nos grupos desportivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Beauchamp, Mark. (2007). *Efficacy Beliefs Within Relational and Group Contexts in Sport*. In S. Jowett & D. Lavallee (Eds.). *Social Psychology in Sport* (Pp. 181-193). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Bryman, A. & Cramer, D. (2001). *Análise de Dados em Ciências Sociais: Introdução às Técnicas utilizando o SPSS para Windows*. Oeiras: Celta Editora.
- Carron, Albert. (1998). Collective Efficacy. In A. Carron, & H. Hausenblas, (Eds.) *Group Dynamics in sport*. (Pp. 317-327). Morgantown: Fitness Information Technology.
- Cruz, J. F. & Viana, M. (1996). Auto-Confiança e Rendimento na Competição Desportiva. In J. F. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 265-286). Braga: SHO.
- Deutsh, Morton. (2000). *Cooperation and Competition*. In M. Deutsche, & P. Coleman, (Eds.) *The Handbook of Conflict Resolution: Theory and Practice*. (Pp. 21-40). San Francisco: Jossey-Bass.
- Deutsh, Morton. (2001). Cooperation and Conflict Resolution: *Implications for Consulting Psychology*. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 53(2), 76-81.
- Feltz, Deborah L. & Lirgg, Cathy D. (1998). Perceived Team and Player Efficacy in Hockey. *Journal of Applied Psychology*, Vol. 83, No. 4, 557-564.
- Feltz, Deborah L. & Lirgg, Cathy D. (2001). *Self-Efficacy Beliefs of Athletes, Teams, and Coaches*. In Singer Roberts, Hausenblas Heather & Janelle Christopher (Eds.) *Handbook of Sport Psychology* (pp. 340-361). New York: John Wiley & Sons.
- Feltz, Deborah L. & Chase, Melissa A. (1998). *The Measurement of self-efficacy and confidence in sport*. In J.L. Duda (Eds.) *Advancements in sport and exercise psychology measurement*. Morgantown, WV: Fitness Information Technology.
- Fernandes, Tiago. (2007). *A eficácia de um Programa de Formulação de Objectivos no Rendimento e na percepção das Competências Psicológicas e da Eficácia Colectiva em jovens atletas praticantes de Râguebi* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Social e das Organizações). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

- Francisco, Teresa. (2005). *A Eficácia Colectiva nas Equipas Desportivas: Adaptação do CEQS – Questionário de Eficácia Colectiva no Desporto – aos escalões de formação do futebol português* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Garcia-Más, Alexandre. (2001). Cooperación y competición en equipos deportivos: un estudio preliminar. *Análise Psicológica*, 1 (XIX), 115-130.
- Garcia-Más, A., Olmedilla, A., Morilla, M., Rivas, C., Quinteiro, E., Toro, E. (2006). Un nuevo modelo de cooperación deportiva y su evaluación mediante un cuestionário. *Psicothema* 18, Nº 3, 425-432.
- Garcia-Más, A., Olmedilla, A., Ortega, E., Almeida, P., Lameiras, J., Sousa, C. & Cruz, J. (no prelo). Cooperación y cohesión en equipos de fútbol de competición.
- Garcia-Más, Alexandre. & Bauzá, Pere. (1994). La Psicología del Equipo Deportivo: Cooperación y Rendimiento. *Revista de Psicología del Deporte*, 6, 79-87.
- Heuzé, J. Raimbault, N. & Fontayne, P. (2006). Relationships between cohesion, collective efficacy and performance in Professional basketball teams: An examination of mediating effects. *Journal of Sports Sciences*, Vol.24, 1.
- Heuzé, J. Raimbault, N. & Masiero, M. (2006). Relations entre cohésion et efficacité collective au sein d'équipes professionnelles masculines et féminines de basket-ball. *Revue canadienne des sciences du comportement*, 38:1,81-91.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário* (2ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Kozub, Stephen A. & McDonnell, Justine F. (2000). Exploring the Relationship Between Cohesion and Collective Efficacy in Rugby Teams. *Journal of Sport Behavior*, 23, No.2, pp. 121-129.
- Lopes, Carlos. (2004). *Citações & Referências Bibliográficas*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

- Magyar, T. Feltz, D. & Simpson, I. (2004). Individual and crew level determinants of collective efficacy in rowing. *Journal of Sport & Exercise Psychology* 26(1).
- Manzo, L. (2005). *Confidence*. In J. Taylor, G. Wilson (Eds.) *Applying Sport Psychology: four perspectives*. Stanningley: Human kinetics. 21-32.
- Maroco, João. (2007). *Análise Estatística - Com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Martins, S. (2007). *Cooperação e coesão no futebol de onze: estudo exploratório*. Monografia de Licenciatura em Psicologia Social e das Organizações no Instituto de Psicologia Aplicada.
- Myers, Nicholas D., Feltz, Deborah L. & Short, Sandra E. (2004). Collective Efficacy and Team Performance: A Longitudinal Study of Collegiate Football Teams. *Group Dynamics: Theory, Research and Practice*, 8, No.2, 126-138.
- Myers, Nicholas D., Payment, Craig A. & Feltz, Deborah L. (2004). Reciprocal Relationships Between Collective Efficacy and Team Performance in Women's Ice Hockey. *Group Dynamics: Theory, Research and Practice*, 8, No.3, 182-195.
- Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2005). *Análise de dados para Ciências Sociais – A complementariedade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Ranieri, C. (2004). *Valência quer embalar*. Obtido em 06-03-2008 através de <http://pt.uefa.com/competitions/ucl/history/season=2004/round=1968/match=1077157/report=pr.html>.
- Ronglan, L. (2007). Building and communicating collective efficacy: A season-long in-depth study of an elite sport team. *Sport Psychologist* 21(1).
- Short, Sandra., Sullivan, Philip. & Feltz, Deborah. (2005). Development and Preliminary Validation of the Collective Efficacy Questionnaire for Sports. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 9(3), 181-202.
- Strauser, David. (1995). Applications of self-efficacy theory in rehabilitation counselling. *Journal of Rehabilitation*, Vol. 61.

- Stegelin, Amber. (2003). *The Development and Maintenance of Collective Efficacy with a Women's Community College Basketball Team*. Tese de Mestrado em ciências do desporto. Universidade da Flórida.
- Sullivan, Philip. & Feltz, Deborah. (2005). *Applying Social Psychology to Sports Teams*. In F. Schneider, J. Gruman & L. Coutts (Eds.) *Applied Social Psychology: Understanding and Addressing Social and Practical Problems*. (Pp-129-149). Sage.
- Vala, Jorge. & Monteiro, Maria. (2004). *Psicologia Social*. Lisboa: Gulbenkian.

**ANEXOS**

**ANEXO A**

## **Instruções e dados biográficos**

### **Instruções:**

O presente estudo está a ser realizado no âmbito de uma tese de mestrado no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, mais concretamente na área da Psicologia do desporto. Encontra-se ainda numa linha de investigação mais ampla conjuntamente com a Universidade das Ilhas Baleares – Espanha.

Interessa-nos desde já a sua opinião enquanto atleta, pois será através dela que conseguiremos levar o nosso estudo avante.

Não existem respostas certas nem erradas. Não há limites de tempo, mas tente não demorar muito em qualquer um dos itens. As suas respostas espontâneas e sinceras são importantes para que este estudo seja bem sucedido.

Por favor, não discuta as suas respostas com os outros participantes. Os resultados dos testes são anónimos e confidenciais. A informação deles recolhida será utilizada apenas para objectivos de carácter científico.

### Dados Biográficos

**Género:** Feminino  Masculino

**Idade:** \_\_\_\_\_ **Anos**

**Habilitações literárias:**

Ensino primário

5º - 6º Ano

7º - 9º Ano

10º - 12ª Ano

Ensino universitário

**Modalidade** \_\_\_\_\_

**Escalão** \_\_\_\_\_

**Clube** \_\_\_\_\_

**Concelho onde está localizado o clube:** \_\_\_\_\_

**Nível competitivo actual:**

Mundial

Europeu

Nacional

Distrital

**Posição em que joga** \_\_\_\_\_

**Número de treinos por semana** \_\_\_\_\_

**Número de horas de treino por semana** \_\_\_\_\_

**Há quanto tempo pratica esta modalidade:** \_\_\_\_\_ **Anos**

**Há quanto tempo pratica esta modalidade neste clube:** \_\_\_\_\_ **Anos**

**Número de jogos que participou esta época:** \_\_\_\_\_

**O meu rendimento esta época tem sido:**

a) Irregular  Regular

Fraco 1 2 3 4 5 6 7 8 9 Excelente

**ANEXO B**

### QUESTIONÁRIO DE COOPERAÇÃO DESPORTIVA (QCD)

**Instruções:** Assinale, com sinceridade, uma “X” no seu grau de concordância com as frases seguintes. Não há respostas certas nem erradas. Interessa-nos apenas a sua opinião.

**Muito Bastante Algo Pouco Nada**

1	Se todos nos esforçarmos e nos ajudarmos uns aos outros, a equipa irá melhorar e alcançar os seus objectivos					
2	Eu colaboro com os meus companheiros e com o meu treinador, sejam quais forem as circunstâncias do jogo					
3	É tão importante cooperar fora do terreno de jogo como em campo, embora eu me considere um profissional.					
4	Quando ajudo o treinador, seguindo as suas instruções e esforçando-me nos jogos e nos treinos, espero que ele me reconheça, dizendo-me ou colocando-me na equipa inicial.					
5	Coopero com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente					
6	Colaboro com os meus companheiros de equipa, ainda que na equipa possa existir algum grupo que não ajude os companheiros.					
7	Trabalho conjuntamente com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente.					
8	Quando com o meu jogo ou com o meu esforço ajudo algum companheiro em campo, espero ser reconhecido de alguma forma.					
9	Sigo sempre as instruções do meu treinador e acato as suas decisões, tanto nos jogos como nos treinos, chegando a sacrificar as minhas ideias acerca do jogo.					
10	Para concretizar os objectivos da equipa, temos de nos ajudar uns aos outros fora do campo, em questões pessoais, ou no balneário.					
11	Esforço-me muito durante os treinos, ainda que isso signifique competir com algum companheiro.					
12	A minha cooperação com os meus companheiros e treinador, tanto nos jogos como nos treinos, depende da colaboração					

	que eles me dão a mim.					
13	Eu colaboro com os meus companheiros, mesmo que estes tenham mais capacidades do que eu.					
14	Eu coopero durante o jogo, mesmo que não se note, por exemplo, movimentando-me sem bola ou dobrando um companheiro.					
15	Se todos cooperarmos, a equipa fica mais unida e pode render mais ou trabalhar melhor.					

**ANEXO C**



	Nada Confiante											Extremamente Confiante
23 - Adaptar-se às diferentes situações do jogo	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		
24 - Estabelecer objectivos e planear estratégias para os atingir	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		
25 - Trabalhar em conjunto para atingir os objectivos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		
26 – Aproveitar as oportunidades de forma eficaz	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		
27 - Mostrar mais determinação do que a outra equipa	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		
28 - Acreditar até ao fim	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		
29 - Antecipar as dificuldades e pensar em formas de as ultrapassar	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		
30 - Apoiar os colegas quando as coisas não correm bem	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9		

**ANEXO D**

### Outputs Estatísticos – Dados biográficos e demográficos

#### GEN

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	232	89,2	89,2	89,2
	Feminino	28	10,8	10,8	100,0
	Total	260	100,0	100,0	

#### HAB

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sétimo ou nono	52	20,0	20,1	20,1
	décimo ou décimo segundo	138	53,1	53,3	73,4
	universidade	69	26,5	26,6	100,0
	Total	259	99,6	100,0	
Missing	0	1	,4		
Total		260	100,0		

#### MOD

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	andebol	25	9,6	9,6	9,6
	basquete	30	11,5	11,5	21,2
	futebol	146	56,2	56,2	77,3
	futsal	19	7,3	7,3	84,6
	hóquei	8	3,1	3,1	87,7
	rugby	32	12,3	12,3	100,0
	Total	260	100,0	100,0	

**ESC**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid júnior	85	32,7	32,7	32,7
sénior	175	67,3	67,3	100,0
Total	260	100,0	100,0	

**NÍVEL**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid nacional	140	53,8	54,1	54,1
distrital	119	45,8	45,9	100,0
Total	259	99,6	100,0	
Missing 0	1	,4		
Total	260	100,0		

**REND1**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid irregular	49	18,8	21,8	21,8
regular	176	67,7	78,2	100,0
Total	225	86,5	100,0	
Missing 0	35	13,5		
Total	260	100,0		

**ANEXO E**

## Estatística Descritiva

### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
IDD	260	16	37	22,15	4,885
NUMTREI	259	1	8	3,59	,990
NUMHORAS	255	1,50	14,00	5,6275	2,24916
MODTEMP	259	1	30	10,81	5,347
MODCLUB	258	1	25	4,62	4,054
NUMJOGOS	209	1	43	16,18	8,412
REND2	215	1	9	5,80	1,600
Valid N (listwise)	179				

## GÉNERO

### Ranks

GEN		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	Masculino	232	133,34	30936,00
	Feminino	28	106,93	2994,00
	Total	260		
Incondicionada	Masculino	232	130,00	30159,00
	Feminino	28	134,68	3771,00
	Total	260		
Treinador	Masculino	232	129,09	29949,50
	Feminino	28	142,16	3980,50
	Total	260		

### Test Statistics(a)

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	2588,000	3131,000	2921,500
Wilcoxon W	2994,000	30159,000	29949,500
Z	-1,769	-,313	-,882
Asymp. Sig. (2-tailed)	,077	,755	,378

a Grouping Variable: GEN

## HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

## Ranks

HAB		N	Mean Rank
Condicionada	Sétimo ou nono	52	157,57
	Décimo ou décimo segundo	138	125,61
	Universidade	69	118,01
Total		259	
Incondicionada	Sétimo ou nono	52	133,31
	Décimo ou décimo segundo	138	127,62
	Universidade	69	132,28
Total		259	
Treinador	Sétimo ou nono	52	130,57
	Décimo ou décimo segundo	138	123,43
	Universidade	69	142,71
Total		259	

## Test Statistics(a,b)

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Chi-Square	9,428	,307	3,146
df	2	2	2
Asymp. Sig.	,009	,858	,207

a Kruskal Wallis Test

b Grouping Variable: HAB

## NÍVEL

## Ranks

NÍVEL		N	Mean Rank
Condicionada	Nacional	140	127,09
	Distrital	119	133,43
	Total	259	
Incondicionada	Nacional	140	124,86
	Distrital	119	136,05
	Total	259	
Treinador	Nacional	140	130,06
	Distrital	119	129,92
	Total	259	

**Test Statistics(a,b)**

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Chi-Square	,468	1,446	,000
df	1	1	1
Asymp. Sig.	,494	,229	,988

a Kruskal Wallis Test

b Grouping Variable: NÍVEL

## ESCALÃO

**Ranks**

ESC		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	júnior	85	148,70	12639,50
	sénior	175	121,66	21290,50
	Total	260		
Incondicionada	júnior	85	135,32	11502,50
	sénior	175	128,16	22427,50
	Total	260		
Treinador	júnior	85	115,59	9825,00
	sénior	175	137,74	24105,00
	Total	260		

**Test Statistics(a)**

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	5890,500	7027,500	6170,000
Wilcoxon W	21290,500	22427,500	9825,000
Z	-2,741	-,724	-2,263
Asymp. Sig. (2-tailed)	,006	,469	,024

a Grouping Variable: ESC

**ANEXO F**

### Fidelidade para os factores do CEQS

#### Scale: Capacidade

##### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0,0	
	Total	260	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

##### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,910	6

#### Scale: Esforço

##### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0,0	
	Total	260	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

##### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,922	6

**Scale: Persistência****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0,0	
	Total	260	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,928	6

**Scale: Preparação****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0,0	
	Total	260	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,919	6

**Scale: União****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0,0	
	Total	260	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

**Reliability Statistics**

Cronbach's Alpha	N of Items
,915	6

**ANEXO G**

### Fidelidade para os factores do QCD

Scale: Condicionada

#### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded(a)	0	,0
	Total	260	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

#### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,518	,515	3

#### Inter-Item Correlation Matrix

	SMEAN(QCD4)	SMEAN(QCD12)	SMEAN(QCD8)
SMEAN(QCD4)	1,000	,133	,267
SMEAN(QCD12)	,133	1,000	,385
SMEAN(QCD8)	,267	,385	1,000

#### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
SMEAN(QCD 4)	6,52	4,056	,237	,072	,555
SMEAN(QCD 12)	7,34	3,075	,334	,149	,418
SMEAN(QCD 8)	7,31	2,972	,439	,195	,231

#### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
10,58	6,107	2,471	3

Scale: Incondicionada

### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded(a)	0	,0
	Total	260	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,759	,779	9

### Inter-Item Correlation Matrix

	QCD1	QCD2	SMEAN(QCD3)	SMEAN(QCD6)	QCD10	QCD11	QCD13	QCD14	QCD15
QCD1	1,000	,463	,163	,200	,276	,226	,301	,267	,465
QCD2	,463	1,000	,275	,227	,275	,294	,410	,351	,298
SMEAN(QCD3)	,163	,275	1,000	,207	,199	,303	,216	,219	,223
SMEAN(QCD6)	,200	,227	,207	1,000	,151	,222	,383	,290	,272
QCD10	,276	,275	,199	,151	1,000	,186	,275	,179	,375
QCD11	,226	,294	,303	,222	,186	1,000	,284	,229	,338
QCD13	,301	,410	,216	,383	,275	,284	1,000	,407	,341
QCD14	,267	,351	,219	,290	,179	,229	,407	1,000	,329
QCD15	,465	,298	,223	,272	,375	,338	,341	,329	1,000

### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QCD1	34,89	12,923	,468	,336	,738
QCD2	35,28	11,834	,525	,349	,724
SMEAN(QCD3)	35,49	11,828	,372	,158	,750
SMEAN(QCD6)	35,45	11,638	,392	,194	,747
QCD10	35,36	12,054	,371	,190	,749
QCD11	35,41	11,784	,424	,207	,740
QCD13	35,10	12,100	,548	,334	,723
QCD14	35,33	11,790	,459	,251	,733
QCD15	34,90	12,436	,540	,362	,728

### Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
39,65	14,796	3,847	9

Scale: Treinador

### Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded(a)	0	,0
	Total	260	100,0

a Listwise deletion based on all variables in the procedure.

### Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,612	,616	3

### Inter-Item Correlation Matrix

	SMEAN(QCD5)	SMEAN(QCD7)	QCD9
SMEAN(QCD5)	1,000	,591	,271
SMEAN(QCD7)	,591	1,000	,182
QCD9	,271	,182	1,000

### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
SMEAN(QCD5)	8,28	1,678	,562	,377	,308
SMEAN(QCD7)	8,38	1,673	,477	,350	,426
QCD9	8,64	2,128	,252	,074	,742

**Scale Statistics**

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
12,65	3,442	1,855	3

**ANEXO H**

## Análise à normalidade

## One-Sample Kolmogorov-Smirnov Test

		Coop_cond	Coop_inc	Coop_Trein	Capacidade
N		260	260	260	260
Normal Parameters <sup>a</sup>	Mean	10,5833	22,4500	12,6532	43,3692
	Std. Deviation	2,47117	2,22685	1,85523	8,36811
Most Extreme Differences	Absolute	,113	,163	,174	,131
	Positive	,093	,126	,103	,102
	Negative	-,113	-,163	-,174	-,131
Kolmogorov-Smirnov Z		1,824	2,627	2,808	2,110
Asymp. Sig. (2-tailed)		,003	,000	,000	,000
a. Test distribution is Normal.					

Esforço	Persistência	Preparação	União
260	259	259	259
45,5864	44,6490	44,4396	43,9768
7,83656	7,92994	8,02666	8,99997
,160	,131	,123	,144
,141	,119	,117	,133
-,160	-,131	-,123	-,144
2,581	2,116	1,983	2,313
,000	,000	,001	,000

**ANEXO I**

## Estudo da Relação entre Cooperação e Eficácia colectiva

### Nonparametric Correlations

#### Correlations(a)

			Condiciona da	Incondicio nada	Treina dor	Capacidade
Spearman's rho	Condicionada	Correlation Coefficient	1,000	,181(**)	-,004	,195(**)
		Sig. (2- tailed)	.	,003	,943	,002
	Incondicionada	Correlation Coefficient	,181(**)	1,000	,600(**)	,403(**)
		Sig. (2- tailed)	,003	.	,000	,000
	Treinador	Correlation Coefficient	-,004	,600(**)	1,000	,222(**)
		Sig. (2- tailed)	,943	,000	.	,000
	Capacidade	Correlation Coefficient	,195(**)	,403(**)	,222(**)	1,000
		Sig. (2- tailed)	,002	,000	,000	.
	Esforço	Correlation Coefficient	,208(**)	,489(**)	,254(**)	,812(**)
		Sig. (2- tailed)	,001	,000	,000	,000
Persistencia	Correlation Coefficient	,186(**)	,559(**)	,356(**)	,793(**)	
	Sig. (2- tailed)	,003	,000	,000	,000	
Preparação	Correlation Coefficient	,170(**)	,467(**)	,241(**)	,816(**)	
	Sig. (2- tailed)	,006	,000	,000	,000	
União	Correlation Coefficient	,237(**)	,509(**)	,261(**)	,756(**)	
	Sig. (2- tailed)	,000	,000	,000	,000	

Esforço	Persistencia	Preparação	União
,208(**)	,186(**)	,170(**)	,237(**)
,001	,003	,006	,000
,489(**)	,559(**)	,467(**)	,509(**)
,000	,000	,000	,000
,254(**)	,356(**)	,241(**)	,261(**)
,000	,000	,000	,000
,812(**)	,793(**)	,816(**)	,756(**)
,000	,000	,000	,000
1,000	,844(**)	,836(**)	,811(**)

.	,000	,000	,000
,844(**)	1,000	,793(**)	,803(**)
,000	.	,000	,000
,836(**)	,793(**)	1,000	,844(**)
,000	,000	.	,000
,811(**)	,803(**)	,844(**)	1,000
,000	,000	,000	.

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a Listwise N = 259

**ANEXO J**

## Correlações entre cooperação e variáveis demográficas

## Correlations

			Condiciona da	Incondicio nada	Treinado r	IDD
Spearman's rho	Condiciona da	Correlation Coefficient	1,000	,179(**)	-,011	- ,257(**)
		Sig. (2-tailed)	.	,004	,861	,000
		N	260	260	260	260
	Incondiona da	Correlation Coefficient	,179(**)	1,000	,600(**)	,016
		Sig. (2-tailed)	,004	.	,000	,792
		N	260	260	260	260
	Treinador	Correlation Coefficient	-,011	,600(**)	1,000	,167(**)
		Sig. (2-tailed)	,861	,000	.	,007
		N	260	260	260	260
	IDD	Correlation Coefficient	-,257(**)	,016	,167(**)	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	,792	,007	.
		N	260	260	260	260
	NUMTREI	Correlation Coefficient	,031	,107	,032	- ,289(**)
		Sig. (2-tailed)	,625	,085	,606	,000
		N	259	259	259	259
	NUMHORAS	Correlation Coefficient	-,014	,014	,033	-,071
		Sig. (2-tailed)	,824	,829	,603	,259
		N	255	255	255	255
	MODTEMP	Correlation Coefficient	-,070	,077	,112	,565(**)
		Sig. (2-tailed)	,259	,215	,071	,000
		N	259	259	259	259
MODCLUB	Correlation Coefficient	,055	,006	-,002	-,103	
	Sig. (2-tailed)	,378	,927	,974	,098	
	N	258	258	258	258	
NUMJOGOS	Correlation Coefficient	,094	,165(*)	,118	-,070	
	Sig. (2-tailed)	,178	,017	,089	,316	
	N	209	209	209	209	
REND2	Correlation Coefficient	,057	,135(*)	,015	-,085	
	Sig. (2-tailed)	,404	,047	,831	,217	
	N	215	215	215	215	

NUMTR EI	NUMHOR AS	MODTE MP	MODCLU B	NUMJOG OS	REND2
,031	-,014	-,070	,055	,094	,057
,625	,824	,259	,378	,178	,404
259	255	259	258	209	215
,107	,014	,077	,006	,165(*)	,135(*)
,085	,829	,215	,927	,017	,047
259	255	259	258	209	215
,032	,033	,112	-,002	,118	,015
,606	,603	,071	,974	,089	,831
259	255	259	258	209	215
-,289(**)	-,071	,565(**)	-,103	-,070	-,085
,000	,259	,000	,098	,316	,217
259	255	259	258	209	215
1,000	,581(**)	-,033	,028	,311(**)	,141(*)
.	,000	,602	,655	,000	,040
259	255	258	257	209	214
,581(**)	1,000	-,061	,117	,170(*)	,068
,000	.	,330	,064	,015	,325
255	255	254	253	206	212
-,033	-,061	1,000	,013	,081	,059
,602	,330	.	,839	,246	,392
258	254	259	257	209	214
,028	,117	,013	1,000	,024	,017
,655	,064	,839	.	,732	,801
257	253	257	258	208	213
,311(**)	,170(*)	,081	,024	1,000	,364(**)
,000	,015	,246	,732	.	,000
209	206	209	208	209	182
,141(*)	,068	,059	,017	,364(**)	1,000
,040	,325	,392	,801	,000	.
214	212	214	213	182	215

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**ANEXO L**

**Análise dos grupos de alto e baixo valor para todos os factores, e valores das respectivas medianas**

**CAPACIDADE**

**Statistics**

Capacidade

N	Valid	260
	Missing	0
	Median	46

**NPar Tests**

**Descriptive Statistics**

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	260	10,5833	2,47117	3,00	15,00
Incondicionada	260	39,6534	3,84660	22,00	45,00
Treinador	260	12,6532	1,85523	5,00	15,00
Grp_capacidade	260	1,5000	,50096	1,00	2,00

**Mann-Whitney Test**

**Ranks**

Grp_capacidade		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	grp_alta_capacidade	130	142,78	18561,00
	grp_baixa_capacidade	130	118,22	15369,00
	Total	260		
Incondicionada	grp_alta_capacidade	130	155,45	20208,00
	grp_baixa_capacidade	130	105,55	13722,00
	Total	260		
Treinador	grp_alta_capacidade	130	143,33	18632,50
	grp_baixa_capacidade	130	117,67	15297,50
	Total	260		

**Test Statistics(a)**

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	6854,000	5207,000	6782,500
Wilcoxon W	15369,000	13722,000	15297,500
Z	-2,653	-5,371	-2,793
Asymp. Sig. (2-tailed)	,008	,000	,005

a Grouping Variable: Grp\_capacidade

**ESFORÇO****Statistics**

Esforço

N	Valid	260
	Missing	0
	Median	47

**NPar Tests****Descriptive Statistics**

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	260	10,5833	2,47117	3,00	15,00
Incondicionada	260	39,6534	3,84660	22,00	45,00
Treinador	260	12,6532	1,85523	5,00	15,00
Grp_esforço	260	1,4154	,49374	1,00	2,00

**Mann-Whitney Test****Ranks**

Grp_esforço		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	grp_alta_esforço	152	142,54	21665,50
	grp_baixa_esforço	108	113,56	12264,50
	Total	260		
Incondicionada	grp_alta_esforço	152	152,74	23217,00
	grp_baixa_esforço	108	99,19	10713,00
	Total	260		
Treinador	grp_alta_esforço	152	139,06	21136,50
	grp_baixa_esforço	108	118,46	12793,50
	Total	260		

**Test Statistics(a)**

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	6378,500	4827,000	6907,500
Wilcoxon W	12264,500	10713,000	12793,500
Z	-3,085	-5,681	-2,210
Asymp. Sig. (2-tailed)	,002	,000	,027

a Grouping Variable: Grp\_esforço

**PERSISTÊNCIA****Statistics**

Persistência

N	Valid	260
	Missing	0
	Median	46

**NPar Tests****Descriptive Statistics**

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	259	10,5739	2,47136	3,00	15,00
Incondicionada	259	39,6598	3,85266	22,00	45,00
Treinador	259	12,6673	1,84480	5,00	15,00
grp_persistencia	259	1,4363	,49689	1,00	2,00

**Mann-Whitney Test****Ranks**

grp_persistencia		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	grp_alta_persistencia	146	140,46	20507,50
	grp_baixa_persistencia	113	116,48	13162,50
	Total	259		
Incondicionada	grp_alta_persistencia	146	160,34	23409,00
	grp_baixa_persistencia	113	90,81	10261,00
	Total	259		
Treinador	grp_alta_persistencia	146	149,34	21803,50
	grp_baixa_persistencia	113	105,01	11866,50
	Total	259		

**Test Statistics(a)**

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	6721,500	3820,000	5425,500
Wilcoxon W	13162,500	10261,000	11866,500
Z	-2,575	-7,438	-4,796
Asymp. Sig. (2-tailed)	,010	,000	,000

a Grouping Variable: grp\_persistencia

**PREPARAÇÃO****Statistics**

Preparação

N	Valid	260
	Missing	0
	Median	46

**NPar Tests****Descriptive Statistics**

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	259	10,5739	2,47136	3,00	15,00
Incondicionada	259	39,6598	3,85266	22,00	45,00
Treinador	259	12,6673	1,84480	5,00	15,00
grp_preparação	259	1,4710	,50013	1,00	2,00

**Mann-Whitney Test****Ranks**

grp_preparação		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	grp_alta_preparação	137	146,46	20064,50
	grp_baixa_preparação	122	111,52	13605,50
	Total	259		
Incondicionada	grp_alta_preparação	137	159,62	21867,50
	grp_baixa_preparação	122	96,74	11802,50
	Total	259		
Treinador	grp_alta_preparação	137	143,88	19712,00
	grp_baixa_preparação	122	114,41	13958,00
	Total	259		

**Test Statistics(a)**

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	6102,500	4299,500	6455,000
Wilcoxon W	13605,500	11802,500	13958,000
Z	-3,775	-6,770	-3,210
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,000	,001

a Grouping Variable: grp\_preparação

**UNIÃO****Statistics**

União

N	Valid	260
	Missing	0
	Median	46

**NPar Tests****Descriptive Statistics**

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	259	10,5739	2,47136	3,00	15,00
Incondicionada	259	39,6598	3,85266	22,00	45,00
Treinador	259	12,6673	1,84480	5,00	15,00
grp_uniao	259	1,4517	,49863	1,00	2,00

**Mann-Whitney Test****Ranks**

grp_uniao		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	grp_alta_uniao	142	144,85	20568,50
	grp_baixa_uniao	117	111,98	13101,50
	Total	259		
Incondicionada	grp_alta_uniao	142	157,26	22331,50
	grp_baixa_uniao	117	96,91	11338,50
	Total	259		
Treinador	grp_alta_uniao	142	143,33	20353,50
	grp_baixa_uniao	117	113,82	13316,50
	Total	259		

**Test Statistics(a)**

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	6198,500	4435,500	6413,500
Wilcoxon W	13101,500	11338,500	13316,500
Z	-3,541	-6,479	-3,205
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,000	,001

a Grouping Variable: grp\_uniao